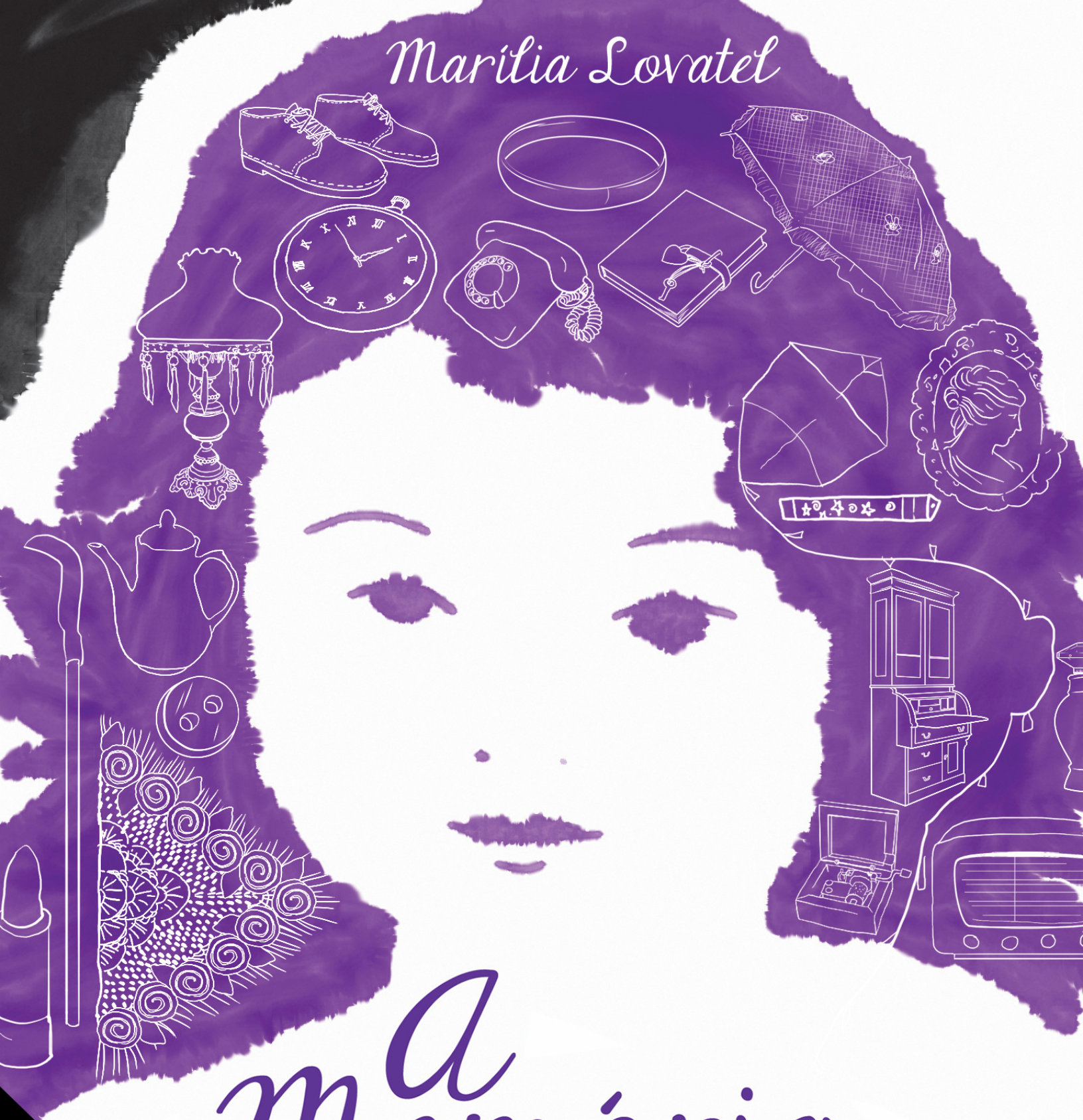


Marília Lovatel



A Memória das Coisas





A Memória das Coisas

Marília Lovatel

Fortaleza, 2017



Copyright ©2015 by Marília Lovatel

EDITORA DEMÓCRITO DUMMAR

Presidente | **Luciana Dummar**

Editora Executiva | **Regina Ribeiro**

Editor Adjunto | **Humberto Pinheiro**

Editor Assistente | **Jáder Santana**

Editor de Design | **Amaurício Cortez**

Projeto Gráfico | **Carolina Fernandes e Karlson Gracie**

Ilustrações | **Karlson Gracie**

Catálogo na Fonte | **Kelly Pereira**

Produção de eBook | **Amaurício Cortez**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L94m Lovatel, Marília

A Memória das Coisas / Marília Lovatel, ilustrações, Karlson Gracie. - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

96p.: il. Color

ISBN 978-85-67333-11-3

1. Literatura. 2. Contos. 3. Gracie, Karlson. I. Título

CDU 82-94(813.1)



Todos os direitos desta edição reservados às **EDITORA DEMÓCRITO DUMMAR Ltda.**

Av. Aguanambi, 282-B - Joaquim Távora - CEP: 60.055-402 - Fortaleza-Ceará - Tel.: (85) 3255.6256 - 3255.6270

livrariadummar.com.br

blog.opovo.com.br/editoradummar



Agradecimentos

A Ignácio de Loyola Brandão por ter me dito:
“Ou a literatura é tudo na sua vida ou para que escrever?”

A José Leite Jr. pelas palavras generosas.

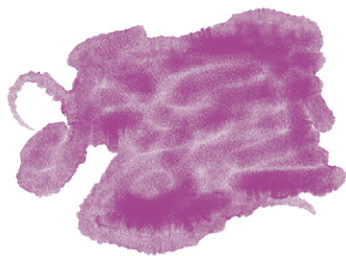
À Regina Ribeiro por acreditar
e libertar estas páginas da gaveta.

A Karlson Gracie pelas lindas imagens.

A Raymundo Netto e toda a equipe da EDR envolvida neste
projeto.

Para Flavinha,
minha querida e única irmã.

Estas páginas são dedicadas
ao anjo que levou cinco anos
para me ensinar a amar os outros
mais do que a mim mesmo
querida e única irmã.



Sumário

Agradecimentos

Apresentação

O caminhão

O armário

A sombrinha

A foice

O rádio

O oratório

A carta

O botão

O abajur

O perfume

O caleidoscópio

O camafeu

O diário

A tesoura

O quadro

O xale

O relógio

O bule

O telefone

A aliança

A caixinha de música

A pipa

A boneca

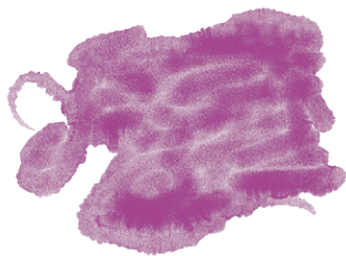
O batom

O sapato

O sino

O livro

Sobre a autora



Apresentação

José Leite

Se há uma coisa que acho parecida com uma pessoa, essa coisa certamente é um livro. Assim como uma pessoa, o livro é gerado, tem sua gestação e vem à luz. Posso acompanhar seu desenvolvimento, sorrir nos seus momentos de alegria, chorar nos seus momentos de tristeza. E não exagero que fico de luto quando enterro um bom livro na estante. Prefiro doar. Se por um lado tenho em casa uma biblioteca muito pobre, por outro tenho a satisfação de saber que essas pessoas que tanto amo ganham uma sobrevida, quando acolhidas e acalentadas por outras mãos.

Com *A Memória das Coisas*, de Marília Lovatel, sinto que estou batizando essa linda pessoa que acaba de vir ao mundo. Como se trata de batismo, devo mergulhar este novo corpo de memórias nas velhas águas proféticas das palavras, desde já vaticinando um futuro glorioso para o novo rebento da inspirada Marília Lovatel.

Tendo tido a honra de ler o livro ainda em gestação (tive acesso à endoscopia), posso adiantar três dentre tantas razões de meu otimismo profético para com essa pessoa que está em suas mãos. A primeira é a reinvenção da tradição, a segunda é o poder de sugestão e a terceira é capacidade de emocionar. Explico-me:

Este livro reinventa e revigora a tradição do apólogo, pois cada uma das 27 narrativas são contadas não por pessoas, mas sim por coisas. Se por um lado as narrativas resgatam essa figura clássica, por outro é contemporâneo o habilidoso coro de vozes e a concepção metalinguística da composição (sobretudo pelo depoimento do próprio livro, no final), que pode ser entendida como um conjunto de contos ou – eu arriscaria sem qualquer hesitação – como um romance. O caminhão é a primeira dessas personificações. Ele fala sobre uma mudança e o faz com certa melancolia, embora tente sustentar um testemunho imparcial (“Não cedo a sentimentalismos.”). Afinal, é o mesmo caminhão quem diz: “À medida que as caixas saíam, a casa ficava mais e mais vazia.” A própria casa se reveste da consagrada figura poética da prosopopeia, firmando seu estatuto subjetivo, pois é descrita “Como um corpo que, aos poucos, vai perdendo a alma.” Após essa visão sintética testemunhada pelo caminhão, cada objeto dessa mudança vai apresentando seu depoimento: o armário, a sombrinha, a foice, o rádio, o oratório, a carta e tantos outros que vão aparecendo nos títulos.

O poder de sugestão alcançado nessas narrativas é notável. Descrições ricas de sinestesia, plasticidade e jogo verbal vão revelando uma imagem narrativa que faz sobressair o aparente segundo plano (o mundo das pessoas). O que se revela sobre os atores humanos decorre, sobretudo, do ponto de vista testemunhal de velhos objetos. Como os objetos adquiriram subjetividade, o drama pessoal desse rol de memórias das coisas acaba por entrelaçar-se ao das pessoas humanas, formando-se, assim, um tecido de fios narrativos habilmente manuseados, sem deixar ponto sem nó. Exemplo desse artesanato verbal é esta descrição dinâmica que sai da voz de uma velha sombrinha: “Fui retirada do

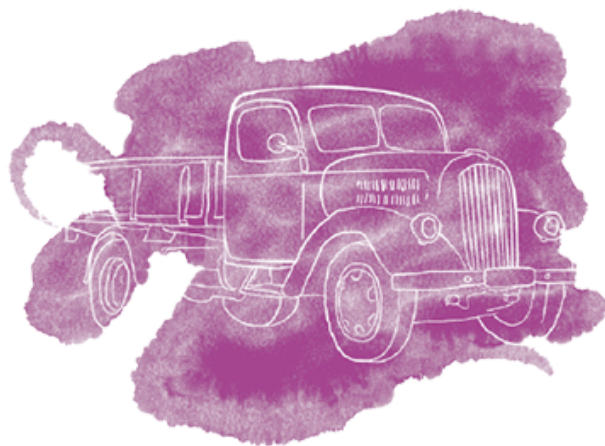
baú. O laço que prendia minhas hastes, desfeito. Eu parecia espreguiçar, depois de longo sono. A réstia que escapava da cortina preencheu o tule esticado e projetou no chão uma renda de luz.” Quanta empatia se constata na voz de um velho rádio, assim metaforizada: “Meu benfeitor me ligou na tomada. Senti a eletricidade correr pelos circuitos como sangue que circula nas veias espalhando calor, vida.” Uma sábia tesoura cega compõe este paradoxo, ao comentar a crise conjugal vivida por seu dono: “Quantas discussões presenciei! Eu era velha e cega, mas todas essas coisas eu via.” Objetos velhos, como se vê, pois só com a idade e a experiência vem a plenitude da memória.

Este é um livro que emociona. O discurso trazido para a primeira pessoa habilmente toca os sentimentos de quem está lendo. O bom humor percorre o texto, até mesmo pelo fato curioso de objetos ganharem caracteres humanos, mas não só. O velho móvel aristocrático lamenta, com duplo sentido: “Ah! Que falta me fez a namoradeira [cadeira].” O quadro [pintura], que descreve uma cena aristocrática, descobre que não tem as qualidades que imagina: “Baratinho? Que maneira de descobrir o valor que me atribuíam!” Um caleidoscópio que sofre crise de identidade assim comenta a atitude de uma jovem, que parece viver a mesma crise: “Olhava-me como se eu soubesse as respostas para as suas perguntas. Coitada da moça. Eu não era capaz de responder nem às minhas.” E ainda, dentre muitos outros exemplos, a aliança, que percebe a crise conjugal de seu dono pelo modo como ele a manuseia: “Desde que ele começou a brincar comigo, trocando-me de posição, desconfiei que algo não ia bem.” Em contraponto ao sorriso, a melancolia mais constantemente habita as personagens, humanas ou não. Há uma nostalgia na coleção de velhos objetos, muitas vezes abandonados como se

fossem pessoas; há certa perplexidade ante os reveses da vida e mesmo a inevitável amargura diante do absurdo da morte.

No entanto, o texto não sucumbe ante as adversidades que vai descrevendo em fragmentos. Resiste nele, por exemplo, uma crença na capacidade de reconciliação entre os que se desentenderam. E mesmo para o tempo, que é inexorável, é ministrado um remédio: a memória, cuja expressão mais elevada é a arte. Talvez por isso a pipa (nossa arraia cearense) não deseje o risco de voar, mas servir de decoração, ou seja, quer permanecer como objeto estético. Não é outro o sonho de um solitário botão de madrepérola, que tantos reveses sofreu (“Outra vez no lixo, outra vez encontrado e recolhido.”), quando o padre, a pedido do artista moribundo, o “devolveu à condição de obra de arte.” Arte e memória também reiteradas na figura do antigo aparelho de telefone que, já não tendo utilidade prática, sabe-se triunfante: “Hoje, faço a ligação da moça com o seu passado. Sou uma peça de decoração. Mais do que isso. Sou uma peça de coração.”

Fecham-se aqui as palavras batismais com o convite para a leitura. Afinal, assim como uma pessoa, o livro nasce pela palavra escrita e vive com a palavra lida. E é ele mesmo quem diz: “Nasço pelas mãos de quem me lê.”



O caminhão

O motorista freou, apertando o solado gasto do sapato contra o pedal e, com firmeza, acionou o freio de mão. O proprietário da residência veio ao nosso encontro.

O condutor desceu para falar ao genro do patrão. Da carroceria, saltaram dois carregadores vestidos com grossos macacões de brim azul desbotado.

O homem apontou para as caixas de papelão no jardim. Havia mais dentro da casa, espalhadas pela sala, escritório, cozinha, garagem e quartos. Havia também alguns móveis, mas nenhuma pessoa. Ninguém além do proprietário. Aquela mudança era incomum em minha rotina. Meu costume é transportar os lavradores e os cortadores para a fazenda e de lá voltar abarrotado de cana-de-açúcar. Aqui e ali, pedem os meus préstimos para as mudanças. Muito raro. Nesses casos, há sempre mulheres explicando o destino, recomendando cuidado aos carregadores. As mulheres parecem se agradar muito dessas ocupações. Gostam de falar. Eu sempre as observo.

A ausência de vozes femininas aumentava a minha estranheza. Não pude evitar uma série de especulações acerca daquele homem

solitário. A casa era grande para alguém que morasse sozinho. Os pertences distribuídos nas caixas certamente não seriam de uma única pessoa.

Havia roupas e brinquedos. Onde estava o resto da família? Quem sabe os filhos e a esposa haviam se mudado, viajando na frente para outra cidade, e a ele coubera a tarefa de despachar a mudança?

Qualquer que fosse a explicação, eu não precisava saber. Minha obrigação é levar o que me mandam. Mas, enquanto recebo a carga, não contenho os meus pensamentos. Olhando para as caixas, pareceu-me curiosa a perfeita organização. Contara com a ajuda da mulher! Não era coisa de homem sozinho. Grandes etiquetas identificavam os objetos pelo tipo e o espaço a que estavam destinados.

Quanto ao proprietário, pouco falava. Com um ar distante, parecia resgatar na memória as cenas vividas na casa. E acompanhava com um olhar melancólico cada caixa que era levada.

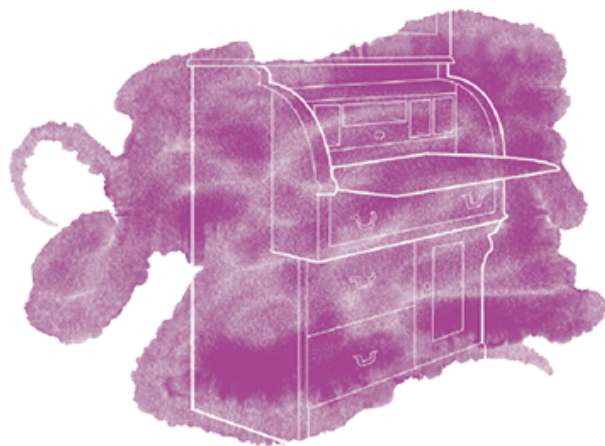
À medida que as caixas saíam, a casa ficava mais e mais vazia. Como um corpo que, aos poucos, vai perdendo a alma. Era um vazio maior do que o provocado pela ausência de móveis e dos objetos. Um olhar vazio.

Com uma pancada seca, os dois carregadores fecharam a porta traseira. Depois, apoiaram-se nas grades laterais e, num impulso, jogaram as pernas para subir e verificar se estava tudo amarrado, bem encaixado. Acomodaram-se para não cair quando eu começasse o movimento.

Entendi, naquela hora, no olhar vazio do dono da casa, que não eram somente os objetos, eram as histórias, as vidas que eu levava.

Fui tomado por uma forte emoção, por uma sensação que eu desconhecia. Aquilo me surpreendeu. Sou um velho caminhão. Rústico. Aguento peso, sol e chuva. Tenho muitos quilômetros rodados em chão de asfalto e em estradas carroçáveis. Não cedo a sentimentalismos.

O motorista deu a partida. Deixamos a casa e seu dono para trás, seguimos rumo ao futuro.



O armário

Armário-secretária-mesa de mogno *Chippendale*. Painéis de vidro. Porta reversível que se abre formando uma mesa de escritório sobre três gavetões. Quase centenária. Excelente estado de conservação. Quatro linhas, no anúncio, o resumo de uma existência e o propósito de atrair compradores. A descrição, nem de longe, me faz justiça. Não traduz o que sou. Ou o que fui, quando a cobiça de olhos desejosos me percorriam as curvas sinuosas, os entalhes na madeira, meu acabamento impecável exposto na vitrine. Possuir um exemplar de minha linhagem era elevar o mobiliário a um nível superior, atribuir-lhe a aristocracia que jovens casais não ousam alcançar. Poucos privilegiados davam-se ao luxo de entrar, fechar negócio. A maioria ficava na calçada, às vezes, arriscava perguntar o preço e seguia, disfarçando o embaraço.

– Não é réplica. É uma peça original.

A justificativa do vendedor me envaidecia. E a vaidade me bastou a princípio. Mas, com o tempo, a ideia de um lar me dominou como praga de cupim. Velhos companheiros eram levados todos os dias. Ah! Que falta me fez a namoradeira. E a mais

dolorosa das despedidas: a cristaleira saindo da loja. No três! Um, dois e minha irmã no caminhão, as portas fechando. Com ela, foram as esperanças de pertencer a uma família.

Resignava-me, quando a moça surgiu. Segurou o marido pelo braço, apontou na minha direção, e, em seguida, eu era posta com cerimônia no lugar mais nobre de uma sala de jantar.

Atrás dos painéis de vidro, pratos de porcelana chinesa com motivos florais. Nos gavetões, toalhas de linho bordadas da Ilha da Madeira, meticulosamente dobradas.

O ambiente iluminado reunia a mesa de jantar – 12 lugares –, um lustre de cristal *Baccarat* e um aparador. À brisa balançava o *voil* das cortinas dos janelões. Época feliz!

Depois, crianças crescidas, visitas menos frequentes, não necessitavam tanto de meus préstimos na sala. Mais útil me senti no quarto do casal. Pratos substituídos por bibelôs, lembranças de viagens; as toalhas de linho deram lugar às colchas – brocado de seda – e aos travesseiros de penas de gansos. Ainda não fora usada como mesa. Até me levarem ao escritório. Melhor do que lembranças de viagens são livros de capas duras e papel cheiroso. Nos gavetões, pastas, colecionadores, envelopes.

Muitas madrugadas passei em claro, a mesa armada, o marido escrevendo, o marido calculando... a venda da casa, meu destino incerto, um parente da dona e a revelação inesperada, o interesse crescente a cada visita à tia.

No novo lar, voltei à sala de jantar. Ao passar dos anos, um conhecido padrão: da sala para o quarto, do quarto para o escritório, e eu estava à venda outra vez.

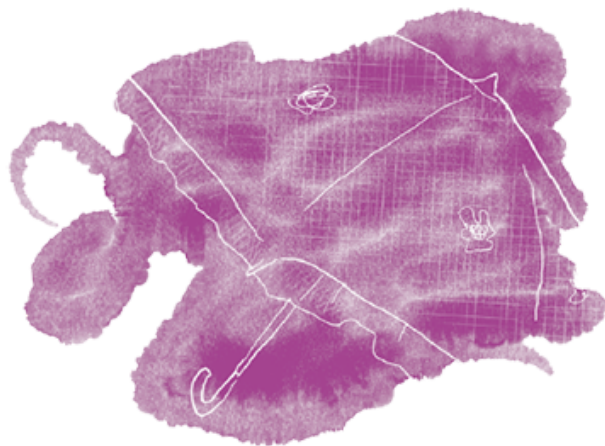
Casas modernas... Não têm espaço para mim – disseram. Nem na sala, nem no quarto, nem no escritório. No auge da desilusão,

considereei a possibilidade de que me quisessem pelo mogno. A madeira fatiada em pranchas, emendada a compor prateleiras. Torturavam-me esses pensamentos. Carregaram-me com inexperiência e descuido, os cantos! Os vidros! Não quis nem ver para onde me levavam. Talvez tenha desmaiado. Ao despertar, estranhei o enorme galpão, tantos estilos, falta de gosto, senso estético duvidoso, que lugar era aquele, teria morrido, assim se parecia o inferno dos móveis? Seria o céu?!

– É uma peça legítima? Quanto custa?

Outra casa, outra família? Cansara de recomeços. A resposta do vendedor, um bálsamo, alívio, seguido de excitação. Eu era a atração principal da grande loja, sem preço, sem venda, exposta para impressionar, clientes entrando só para me ver e comprar o que pudessem pagar. Eu de novo a vedete! Iluminação especial para os painéis de vidro, coloridas taças de cristal –*Murano!*

Tarde da noite, luzes se apagam. Fim do espetáculo, sem angústia, sem medo, sem solidão, e a doce certeza de que é possível resistir à passagem do tempo.



A sombrinha

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Quarto do Casal

Não faço ideia de quanto tempo estive guardada, no sótão da casa, dividindo espaço no baú com o vestido. Talvez nossa sina tenha sido a mesma – o baú –, porque éramos idênticos na cor, no tecido rendado e até na aplicação de pequenas pérolas.

Éramos parte de um mesmo conjunto. Concebidos para uma mesma ocasião. Eu desconfiava. Não tinha certeza. Nunca saímos do confinamento.

Estranhei o barulho da dobradiça rangendo, a luz invadindo o baú, quando a tampa foi aberta. Passado o desconforto inicial de quem se acostumou à escuridão, vi um rosto. Pareceu-me, ao mesmo tempo, desconhecido e familiar. O olhar lembrava-me alguém que eu conhecera. Mas que eu não identificava. Não conseguia reconhecê-la. Procurei naquele rosto envelhecido um indício que resolvesse o enigma.

Fui retirada do baú. O laço que prendia minhas hastes, desfeito. Eu parecia espreguiçar, depois de longo sono. A réstia que

escapava da cortina preencheu o tule esticado e projetou no chão uma renda de luz.

Apoiada no ombro direito, fui girada com graça. Tive a revelação. A jovem de pele clara, cabelos e olhos negros que eu acompanhara em tantos passeios matinais. Ao seu lado, a presença constante de um rapaz gentil.

Uma pancada nas tábuas do piso indicou a queda de um objeto, quando ela puxou o vestido. Estava oculto entre as dobras do tecido. Ela se inclinou com alguma dificuldade, mas sem perder a elegância. As pontas dos dedos alcançaram o camafeu. Felizmente, não fora danificado o último presente do jovem companheiro de caminhadas.

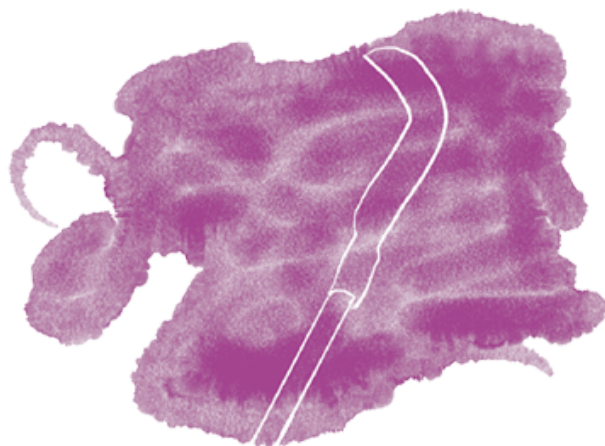
Diante do espelho manchado, ela se mirou. A prata a oxidar no fundo. O traje foi desdobrado e sobreposto ao corpo. Abraçou-o na cintura. Constatou, satisfeita, que as medidas continuavam as mesmas.

Num clarão, recordei a última vez que saímos juntas. Somente nós duas. O passeio, para mim, terminou no sótão dentro de um baú, sobre um vestido de casamento.

O casamento não aconteceu. Constituir uma família foi algo realizado muito depois. Tivesse se casado naquela manhã, eu a teria protegido do sol, no trajeto de charrete até a igreja. E minhas lembranças desses últimos anos seriam bem diferentes.

Eu me perdia nas possibilidades, quando meu sonho ensolarado chegou ao fim. A volta ao baú. A tampa descendo sobre nós. O destino também descera sobre a jovem, escondendo-a num corpo que não conhecíamos.

Um dia, fomos livres.



A foice

Etiqueta: Caixa Ferramentas
Destino: Garagem

O som do motor antecipando a chegada de mais uma leva. Homens, mulheres e crianças, despejados da carroceria. Nada a comemorar com o fim da viagem longa, extenuante. Os grupos divididos para cobrir o extenso canavial. A área verde, na divisa de Minas Gerais com a Bahia, seguia por quilômetros o asfalto e dele se estendia até o alto dos morretes.

Entre as foices distribuídas, eu era a mais gasta. Gastar é o preço da experiência. Derrubei muita cana. Conheci a lida que caleja as mãos e cega o fio da lâmina.

Com a chegada das máquinas que funcionam em solo plano e trabalham a cana certinha, que cresce de pé, olhando para o céu, sobrou-nos o corte da cana deitada, emaranhada, a da terra irregular, a pior parte.

Fui sempre conduzida por mãos grosseiras, fortes. Estranhei a decisão do encarregado, a distribuição das ferramentas.

Mãozinhas frágeis seguravam-me o cabo e me erguiam com dificuldade. Os adultos ensinavam-lhe o abraço na cana, a flexão do corpo para o corte na altura certa. Não era um ato de carinho.

– Assim não! O golpe tem de ser de ponteiro, se não vai encher de fibra a moagem, perdemos o emprego.

Na testa do pequeno trabalhador, suor abundante. Os olhos apertados numa careta involuntária, as primeiras câimbras.

– Não pode parar. Depois de cortar, tem que empilhar, antes de anoitecer. Não tem luz no canavial. Se produzimos pouco, recebemos quase nada...

Pudesse falar, tentaria palavras de encorajamento. E dizer o quê? Que as câimbras passariam, mas seriam substituídas por terríveis dores nas costas? Que ele se acostumaria com a bruteza do trabalho, o desconforto físico viraria lesão na coluna? Que, antes de ganhar os calos, as mãos sangrariam? Se pelo menos eu tivesse sido afiada para facilitar o corte.

Foice amolada chama desgraça. Vi de tudo nesses anos. Acidentes eram uma certeza. Mutilação, cenas feias, sangue jorrando, vida esvaindo. O encarregado é que sabe das coisas. Foice velha, risco menor.

Quem compra o açúcar doce não conhece esse fel. Às vezes, nem o dono da fazenda, nem o dono do supermercado.

Estou eu mesma mais amarga. Não notei a velhice chegando. Fim de vida dura não é mão grossa no cabo de uma foice afiada, é pele fina em foice cega.

O que mais fazer, além de me perder nessas reflexões? Agarrar-me ao pouco de dignidade que me rest a. Balançar dentro de um caixote com uma enxada e outras ferramentas. Fazer o caminho de volta na carroceria vazia. Meu destino não era a sede da fazenda.

Do caminhão para o carro. O caixote foi entregue na cidade ao genro do fazendeiro. Uma casa bonita. Casa com jardim. Pequenos serviços exigem quase nenhum esforço. Seria assim, de agora em diante. Era justo.



O rádio

Vivia no meio da sucata. Junto de enceradeiras, aspiradores de pó e outros modernos eletrodomésticos de ontem.

Muitos nem sabiam direito o que eu era. Até que o olhar do especialista me localizou e me levou para a sua casa, a fim de me reabilitar. A essas alturas, eu era pouco mais do que uma caixa de madeira. Ele era sapateiro, mas tinha a Eletrônica como *hobby*. Uma atividade dava-lhe sustento. A outra o desafiava e distraía. Um homem precisa das duas coisas – dizia.

Surpreendente pensar que ainda existisse alguém capaz de reparar rádios de cinco válvulas, como eu, ajustando os circuitos para que operassem na frequência correta.

Em cima da mesa, uma antena de quadro, um capacitor variável de duas seções e uma válvula misturadora conversora V1. Após horas de trocas de peças, soldas e medições, eu estava como novo.

Meu benfeitor me ligou na tomada. Senti a eletricidade correr pelos circuitos como sangue que circula nas veias, espalhando calor, vida.

Estava de volta. Agora era só questão de acertar a frequência que substituiria o chiado por uma transmissão.

O sapateiro, técnico nas horas vagas, pacientemente, girava o botão seletor à procura de uma estação de ondas médias. O pequeno milagre. A música rouca cortada por interferências, a princípio, depois perfeitamente audível, se espalhou no ar.

A deusa da minha rua entrava em casa na voz grave de Nelson Gonçalves. A esposa, emocionada, largou as panelas no fogão. Veio para a sala me ouvir. Sentou-se hipnotizada na cadeira junto da mesa de jantar em que o marido me consertava.

Estava comovida, mas foi às lágrimas com Dalva de Oliveira cantando *Ave Maria no morro*.

A nostalgia do casal interrompida por risadas provocadas pelas *Pílulas de Vida Doutor Ross. Fazem bem ao fígado de todos nós!*

Um programa sobre as músicas dos anos 40, Década de Ouro do Rádio. Que sorte! – pensaram. As músicas de sua juventude.

O programa não terminava. Seguiram-se *Atire a primeira pedra*, interpretada por Orlando Silva, e *Samba da minha terra*, com Dorival Caymmi.

E no oferecimento de sabão Cristal. Pra roupa que se suja o ano inteiro, sabão Cristal é sempre o primeiro...

Seria uma estação dedicada àquela década? A curiosidade crescia.

– Muda a estação pra ver o que acontece – sugeriu a esposa.

Acharam uma radionovela. Mudaram outra vez, uma marchinha de Carnaval.

Havia algo estranho. Todas as estações sintonizadas transmitiam a programação da mesma época. O que era motivo de espanto

para eles era deleite para mim, como se o tempo não houvesse passado.

Então, o marido se lembrou de que ouvira, em algum lugar, que hoje as informações são guardadas nas nuvens. A antena captara tão alto? Nuvem não tem gavetas. A esposa franzia a testa, pouco convencida com a explicação.

As músicas eram maravilhosas. Importava de onde vinham? Comigo eles recordavam. Fizeram isso durante horas, até serem vencidos pelo cansaço.

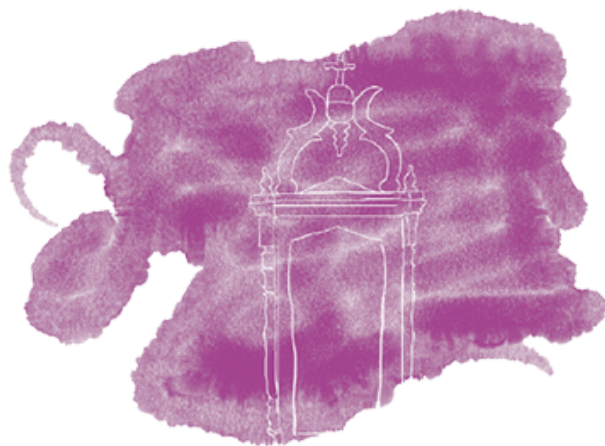
Foram abraçados para o quarto. Esqueceram de me desligar.

As válvulas esquentaram. O cheiro de queimado era mau sinal. Fechados no quarto, nem se davam conta do que ocorria na sala.

De repente, minha programação foi interrompida pela voz do locutor que dizia:

– Terminou a guerra, terminou a guerra! Aqui fala o Repórter Esso. O primeiro a dar as últimas e testemunha ocular da história.

A partir daí, não transmiti mais nada. Um curto queimou minhas válvulas, condenando-me ao silêncio outra vez. Nada pude fazer para conter o incêndio.



O oratório

As raízes mineiras estavam por toda a casa. Nas painéis de pedra-sabão e alça de cobre, no fogão a lenha, nos azulejos. A tradição e a fé muito valorizadas pela família. Não era de estranhar que eu, um oratório do século XVIII, fosse tratado com tanto respeito e merecesse um cômodo inteiro.

Quem entrasse no quarto do oratório, meu quarto, experimentava algo místico, uma ternura, uma sensação de paz. Margaridas sobre um fundo azul celeste nas portas e no centro. Impressionava o contraste entre a delicadeza da pintura e a robustez da madeira maciça em que eu fora esculpido. Assim como despertavam admiração os santos feitos à mão. A Virgem Maria ladeada de Santo Antônio e Santa Luzia.

A dona da casa passava horas diante de mim. Ajoelhava no banquinho estofado. O terço na mão. Agradecia, pedia proteção. Rezava. O marido a compreendia. Dizia que, de tanto conviver com as imagens, ganhara um ar contrito, jeito de santa.

Naquela noite, o casal fora abençoado por um fenômeno inexplicável. As músicas no rádio de válvulas recém-restaurado encheram a casa de nostalgia. Outra vez acendera a chama da

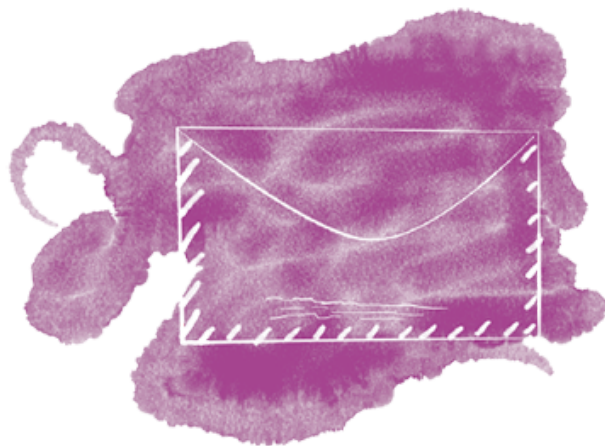
paixão que o passar dos anos transformara em amor a fogo brando.

O casal dormia um sono profundo. Da esfera dos sonhos, ela despertou com uma presença divina. Era Santo Antônio com o Menino Jesus no colo. Salve o oratório – ele dizia baixinho.

Com grande esforço, sem saber se acordara ou se continuava dormindo, caminhou descalça pelo corredor até o cômodo. A porta fechada. A fumaça por debaixo da porta. A cena perturbadora que viu, ao entrar. Labaredas devoravam o oratório. Os santos queimando. A pintura derretendo. A porta fechou de súbito atrás dela. Estava presa. Sufocava. Chamava pelo marido. Ele dormia. Ela dormia?

Acordou na cama do hospital. Escapara por milagre, foi o comentário da enfermeira à colega, o incêndio destruíra a casa, não sobrara nada, exceto esse oratório que ela não quis soltar nem na ambulância. O fogo começara na sala. Um curto. Mas não chegou ao quarto onde ela estava – completava. Se estivesse dormindo com o marido, teria morrido também.

Aquelas últimas palavras pesaram em seu coração. Preferia ter partido. Por que ficara? – gritou às enfermeiras. Depois, mais calma, lembrou-se dos filhos. Prometeu, quando se recuperasse, passar mais tempo com eles. Há muito saídos de casa. Ainda eram rapazes quando foram ganhar a vida. O mais velho na Europa. O mais novo noivara. Precisaria dela. Descobriria motivos para continuar. Ela falava sem parar.



A carta

Fui retirada da Central dos Correios pelo carteiro. Deveria ter sido conduzida ao endereço do meu destinatário. Mas uma sequência de incidentes me desviou.

Um buraco na rua. Um solavanco da *Kombi*. Abriu-se o bolsão da sacola onde eu estava.

O carro parou, o carteiro saltou. Escorreguei para debaixo do veículo, que arrancou. Fiquei para trás. Eu era uma carta perdida no chão.

Um sopro de vento me arrancou do asfalto. Fui planando até um arbusto. Depois balancei e caí na calçada, aos pés de um homem. Ele lia o jornal, sentado no banco da praça.

Rocei de leve o sapato. A reação foi imediata. Ele dobrou o jornal, pondo-o ao seu lado, e se inclinou para me pegar.

O jornal dobrado na seção de empregos. Diversos anúncios circulados nos classificados. A atenção agora voltada ao meu destinatário.

Pensava como eu teria parado ali, aos seus pés. Nele, crescia natural curiosidade. O conteúdo. O que eu guardava dentro do

envelope. Pensou em me abrir para descobrir.

Poderia ser dinheiro – muito bem-vindo naquele momento. Um dilema moral o deteve. Se fosse dinheiro, certamente alguém precisava da quantia, por ela aguardava.

Veio-lhe uma ideia óbvia. Como não pensara nisso antes? Resolveria a questão com o gesto simples de me levar até o destinatário. Não era longe. Ficava no mesmo bairro, a cerca de cinco quarteirões da praça.

Jornal jogado no cesto de lixo. Tinha tempo de sobra para caminhar. Nas placas, nomes de árvores. A Rua Laranjeira cruzava a Rua Ipê, que levava à Jatobá, que virava a Imbuia, depois dobrou na Jequitibá para chegar à Cerejeira.

Seguiu a numeração. Os pares de um lado, os ímpares do outro. Ele parou diante do número procurado. Estava ansioso. Tocou a campainha, esperou. Começou a pensar que, ao me entregar, promoveria a comunicação entre duas pessoas. Algo especial. Seriam boas notícias? E se não fossem? E se houvesse uma razão misteriosa para eu continuar perdida? Cabia a ele interferir no destino de alguém?

Chegou a se arrepender por ter tocado a campainha. Ocorreu-lhe sair depressa dali. Devolver-me à praça, deixar-me exatamente onde me encontrara. Era tarde, a porta se abriu.

Ele leu em voz alta o nome no envelope:

– É a senhora?

– Sim. O senhor é dos Correios? – estranhou a ausência do uniforme.

A expressão dela fez o homem pensar no quanto se arriscava a senhora, abrindo a porta da sua casa para um desconhecido.

Surpresa maior foi o convite para entrar.

Na cozinha, ela serviu-lhe um café. Explicou que vivia só, enquanto se esticava para alcançar uma lata de biscoitos.

Ele não se conteve:

– A senhora vive sozinha? Não acha perigoso abrir a porta assim? E se eu fosse um bandido?

– Um bandido não se importa com uma carta perdida. O senhor não tem cara de bandido... Está desempregado?

– Como sabe?

– Não é carteiro, veio me entregar uma carta no meio da tarde... Não é bandido...

Os dois riram. Ela abriu a lata sobre a mesa. Não havia biscoitos. Ensaçou me guardar lá dentro junto com outras cartas.

– Espero que não sejam más notícias...

– Não são.

– Como pode ter certeza?

– Está vendo? Estão todas cheias de cartas que nunca abri – confidenciou, apontando para outras latas de biscoito e para as latas de mantimento.

– A senhora não tem curiosidade?

– Eu sei o que dizem. Eu as escrevi. Todas elas.

– Por quê?

– Cada um lida com a solidão como pode. Tem gente que enche a casa de bichos, tem gente que passa o dia em frente à televisão... Eu gosto de conversar, sabe? Cartas me trazem os carteiros.

– E seus familiares não a visitam?

– Tenho dois filhos. Um mora no exterior. É artista. O outro tem uma sapataria. Acho que trabalha demais. Não é isso. Ele nunca vem, porque se lembra do pai, que morreu num incêndio. Há dez anos. Escapei por pouco...

– E com seus vizinhos, a senhora não conversa?

– Todo mundo tão ocupado... Um dia eu tive essa ideia... Já fiz amizade com muitos carteiros!

Ele achou a solução excêntrica, mas aceitável. Despediu-se, prometendo visitá-la outras vezes. Ela fechou a lata de biscoitos e me guardou no armário.



O botão

O caos do aeroporto lotado correspondia a seu estado de espírito. Na maleta, o passaporte, a passagem, a agenda cheia de compromissos, o diagnóstico. Não podia perder o voo. Não podia perder um minuto. Era a última vez que deixava Portugal. Era a última viagem de volta ao Brasil. Era a última viagem. Ele sabia. Não lhe restava muito tempo. Tivesse escolhido outra carreira, diplomata, já teria embarcado. De que adiantava ser um artista de renome internacional? Na fila, era igual a todo mundo. Menos aos diplomatas, já embarcados.

No bolso da camisa, eu sentia a sua aflição. Certificou-se de minha presença, apertando-me junto ao peito. Eu era a peça que faltava para a sua criação derradeira. A que assinaria a exposição de encerramento de uma carreira bem-sucedida.

Desde que ele me vira, no antiquário, fixou a ideia. Nada mais interessava. Pagou uma pequena fortuna, sem hesitar. Pagaria mais para sair da loja comigo dentro do bolso da camisa, junto ao peito.

Desembarque tumultuado. *Flashes*, microfones, malas extraviadas. Nada importava. Não tinha mais paciência. Nem tempo. No ateliê, fui posicionado completando o painel, enorme, cheio de pequenos

objetos justapostos, todos cuidadosamente selecionados. Lembranças de viagens. Fragmentos de vida.

Sucesso. Críticos de arte, jornalistas, entendidos, especialistas e gente comum movida pela curiosidade. O anúncio do último trabalho atraía os olhares para a obra. Eu era parte da obra. Comentários, elogios, pessoas circulando com taças de champanhe nas mãos, uma coletiva de imprensa e a noite estaria encerrada.

Naquela euforia, ninguém notou quando fui descolado e caí do painel. Nem o zelador, que me varrera para a calçada, apagou as luzes e fechou o local.

Fui recolhido por alguém, olhar apurado, me viu no montinho de poeira. Depois, a caixa de costura. Conheci um novo ambiente de criação, paetês, tecidos brilhantes. Acabei costurado numa blusa de seda. O rapaz fez o pagamento, recebeu o pacote da costureira. Nenhum dos botões imaginava para onde seguíamos. A moça, apressada à porta do camarim, tomou o pacote do rapaz, abriu, vestiu a blusa e correu para se apresentar.

Um canhão de luz, a moça em cima do palco. Música, dança. No *grand finale*, um gesto brusco, inesperado, de puxar as duas partes da blusa, sem desabotoá-la, rompendo as linhas, fazendo-nos voar, e revelando o corpo da moça à plateia masculina entusiasmada.

Outra vez no lixo, outra vez encontrado e recolhido. Um catador me entregou a um menino que me guardou com outros botões.

O tabuleiro era um campo de futebol. Dedinhos implacáveis nos empurravam, três toques consecutivos, em todas as direções. Eram perfeitos para o jogo meus cinco centímetros de diâmetro e minha cor azul. Eu, botão de madrepérola, substituía um beque do time do Grêmio. Não fora acostumado a tanto movimento. Talvez

estivesse velho demais para esse tipo de coisa.

A derrota do time me foi creditada. Minha performance culminou em expulsão do jogo, do tabuleiro, da casa do menino, atirado janela afora.

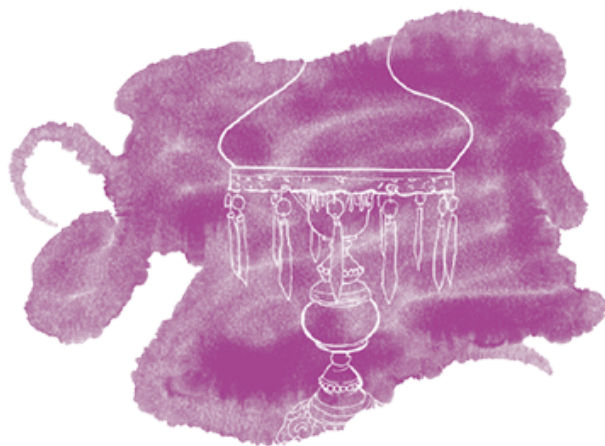
Caí próximo a um mendigo, que me guardou dentro da latinha. Tilintei o dia todo na porta da igreja. Após a última missa, o padre se aproximou para fechar a porta, cumprimentou o mendigo. Velhos conhecidos. Como fora o apurado? O mendigo me despejou com as poucas moedas na palma da mão.

Vendo-me, o padre propôs a compra, depositou mais moedas na lata, negócio fechado. Na sacristia, linha na agulha, fui costurado na batina, próximo ao colarinho. O telefone. Apressou-se em atender ao chamado urgente. Entrou no táxi.

Pela janela, passavam a casa do menino, o *night club*, o ateliê de costura e a galeria de arte.

O carro parou no condomínio de luxo. Na portaria, repórteres se acotovelavam. Deram passagem ao padre. No apartamento, familiares e um moribundo. Entramos no quarto, reconheci o enfermo, deitado na cama, despedia-se da mãe e do irmão.

Ao me ver na batina, pediu com um gesto a aproximação do padre. Queria me enxergar melhor, se certificar da minha volta e contar ao sacerdote o último desejo. A extrema-unção. O padre saltou do táxi na porta da galeria. Lá dentro, achou o grande painel e me devolveu à condição de obra de arte.



O abajur

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Escritório

Sempre que perdia o sono, ela apertava o interruptor. A luz ardia na lâmpada incandescendo sob o vidro. O poderoso e frágil filamento acendia também uma impressão de outono. Nas flores amarelas, nas folhas secas, na cor marrom. Detalhes dourados da cúpula fosca. A iluminação era suave, indireta. Não feria os olhos que emergissem da escuridão.

Inútil tentar dormir, quando se inquietava. Não achava posição. Abraçava o travesseiro. Jogava as cobertas no chão. Às vezes, se esquecia de respirar. Precisava inspirar fundo, enchendo os pulmões de ar até doer, o oxigênio não bastando dentro do peito. A taquicardia sem explicação.

Todos esses sintomas eu acompanhava da mesinha de cabeceira. Mas não era uma doença que a acometia. Era o primeiro amor. A estreia do sentimento que roubava sua paz adolescente. Ela permanecia sentada na cama ao meu lado. Os joelhos dobrados. Olhar fixo em algum ponto do teto. Pensamento misturando

ideias, criando suas próprias versões do real. Esforçava-se para não pensar. Queria esvaziar a mente. Nada que fizesse ajudaria a noite a passar mais depressa.

As angústias, os desejos, os sonhos, ela os convertia em palavras. Confissões nas páginas de um diário. Registros solitários de verdades na penumbra. E não raro ela adormecia sobre o diário, pouco antes de o sol render a lua.

Bastava amanhecer. Ela anoitecia. A mãe entrava no quarto para acordá-la, abrir a cortina e me desligar. Minha vez de descansar. Para a jovem, começava outro dia sonolento.

Chegar da escola, o banho, o almoço, as lições. Espalhar cadernos e livros na bancada. Distrair-se. Deslizar a ponta dos dedos pelos meus arabescos. Exploração tátil dos desenhos em alto relevo da minha base. No ferro retorcido, um trabalhado delicado. Interessava-se pelas formas, pelas texturas. Estudava os estilos. Quem sabe trabalharia com algo assim no futuro?

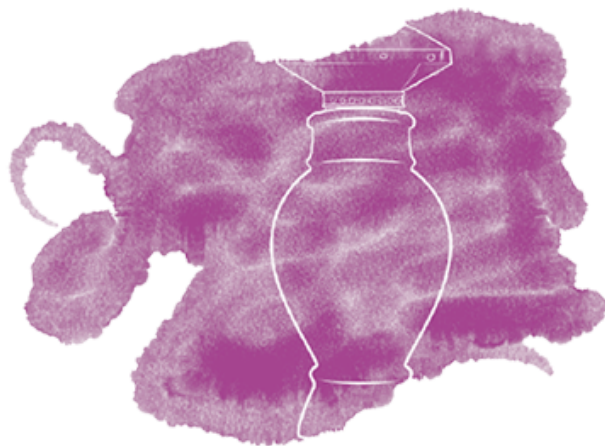
À noite, refugiava-se na pouca luz. Lia e relia bilhetes guardados na caixa de papéis de carta. Páginas decoradas e cheirosas. Segredos só nossos.

Outras vezes, encharcava de lágrimas o travesseiro. Inspirava fundo. Queria encher os pulmões até estourar. Depois, expirava lentamente para a dor passar. E conformava-se, atravessando mais uma noite em claro. Quisera eu que fosse a última. Não seria.

Ela colecionou algumas decepções com o passar dos anos. Aprendeu a esperar menos da vida. Casou-se dentro das conveniências. Desejava encontrar a paz no casamento. E eu sempre com ela. Antes, no quarto de solteira da casa dos pais; depois, no escritório da casa nova. O marido se incomodava se ela acendesse a luz, durante a noite, para ler. Ela levantava, lia no

escritório, em minha companhia apoiada na *Chippendale*.

Em algumas noites, o marido não voltava. Não queria ficar na cama sozinha. Vinha para o escritório. Eu a consolava. Ela adormecia sobre o livro. Eu a contemplava. O tempo não resolvera sua fragilidade adolescente. A mesma cena repetida. Eu a iluminar aquele rosto suave e triste.



O perfume

Nasci um vidro vazio. Um continente sem conteúdo. Corpo sem alma. Minha alma foi despejada. Líquida. Alma lilás levemente azulada. Volátil. Vedada dentro do corpo por uma tampa bem apertada.

Tornei-me um vidro de perfume. Da *Provence* ao depósito de uma companhia exportadora. Longa viagem de navio. Do caixote de madeira para a prateleira iluminada da perfumaria. Na loja, enorme variedade. Vidros foscos, transparentes, tamanhos e formas diversos, retangulares, arredondados, quadrados, com borrifadores, sem borrifadores. Tampas metálicas, de cristal, de madeira.

Essências de diferentes partes do mundo. Algumas tão raras quanto caras. Não era o meu caso. Um simples vidro de lavanda. Isso não me incomodou, a princípio. Mas não pude ficar indiferente a um certo descaso: os clientes convidados às “degustações” olfativas, eu, invariavelmente, excluído. Os compradores entravam na loja, cheiravam as tirinhas de papel em que a vendedora aspergia os perfumes. Entre as provas, o aroma fresco dos grãos de café ajudava a não confundir o sentido.

Disse-me um vizinho de prateleira para não desanimar. Alguém viria me buscar. Para todo perfume há um apreciador. Ele assegurava. Parecia que eu nunca sairia numa daquelas sacolinhas fechadas por um laço de cetim.

Para minha surpresa, ele estava certo. Mal acreditei quando a jovem fez o pedido à vendedora, apontando na minha direção. A moça, atrás do balcão, estranhando, ponderou que eu não era uma boa opção. Até desconfiava que eu viera por engano no lote, junto de outros perfumes encomendados. Havia na loja fragrâncias menos ativas e muito mais interessantes, que não provocavam náuseas ou dores de cabeça, se inaladas diretamente.

A jovem estava decidida, e nada que a vendedora dissesse a meu respeito fê-la desistir. Saí da loja balançando dentro de uma sacolinha chique, o nome do estabelecimento impresso em letras douradas.

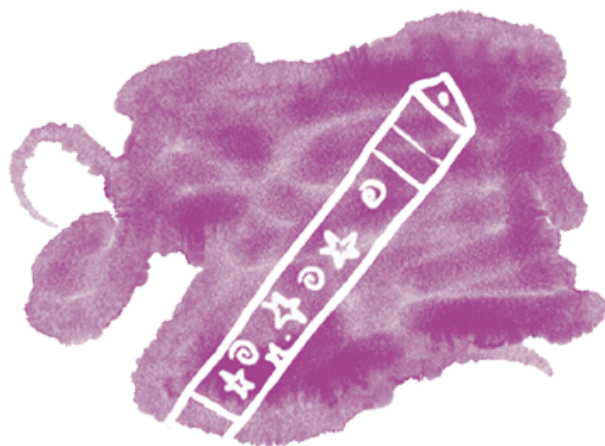
Em casa, ela preparava uma experiência. Projetou na tela imagens dos campos de lavanda. Foi como uma viagem de volta, sem o navio. Ela mergulhava nas paisagens ao som de músicas francesas. Sonhava realizar um desfile naquele país. Sonho de estilista.

Descansou os olhos nos lilases. Imaginou a sinfonia singular das cigarras, que um amigo descrevera. Sentada no sofá, entre as almofadas, ela me alcançou na mesinha de centro.

A jovem afrouxou a tampa. Minha alma protegida era liberada em pequenas porções. O suficiente para que ela vivesse sua experiência sensorial. Seu coração se acalmava. Meu perfume a desintoxicava. O espírito imerso num banho de lavanda. De tão relaxada, adormeceu. Uma das almofadas, num movimento involuntário do braço, foi empurrada para cima da mesinha.

Ela acordou assustada. Meu corpo partindo em pedaços contra o granito do piso. Minh'alma correu pela junção das pedras quadradas. Esvaiu-se. Evaporou rapidamente. Ganhou o ar, subiu ao céu. Elevou-se. Seguiu o caminho das almas. Os cacos, reunidos com uma pá, foram para o lixo. Retorno ao pó.

Breve e feliz existência a minha. Destinada ao êxtase e à libertação.



O caleidoscópio

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Quarto do Casal

A universal dúvida sobre o destino de existir. Inquietação que não me ocorrera antes. Agora me consumia. Saber o que é um caleidoscópio. O que sou. Tentar me descrever atirou-me na crise de identidade. Um brinquedo? Um instrumento? Obra de arte? Eu não era exatamente uma coisa nem outra. Por definição, sou um aparelho ótico. Composto por um tubo revestido de espelhos contendo pequenos fragmentos de vidro colorido. Com o movimento, o reflexo da luz que entra cria combinações visuais.

Meu nome vem do grego *καλός* (*kalos*), “belo, bonito”, *εἶδος* (*eidos*), “imagem, figura”, e *σκοπέω* (*scopeo*), “olhar (para), observar”. Em outras palavras, sou aquele que gera belas imagens para se ver.

Na verdade, não gero nada. Sozinho não passo de um tubo de espelhos guardando pedaços de vidro. Talvez, se minha composição fosse mais nobre, o interesse não sumisse após os primeiros segundos de observação. Ouvi contar sobre um nobre

francês que possuía um caleidoscópio feito com pérolas e gemas preciosas. Aquele meu parente distante sabia o que era, um tesouro!

Quanto mais eu me indagava, mais eu me perdia. E a única que poderia me ajudar – a jovem que me comprara – também se perguntava. Por que mesmo? Por impulso. Deslumbrara-se com as formas e cores se multiplicando. Isso não bastava. Eu sabia que não era o suficiente. Logo seria esquecido, devolvido, passado para frente.

Ela não se cansava. Eu não entendia. Horas virando de um lado para outro. Olhava-me como se eu soubesse as respostas para as suas perguntas. Coitada da moça. Eu não era capaz de responder nem às minhas.

Um dia, ela entrou no quarto animada. Trazia uma sacola da papelaria. Vai me embrulhar e me dar de presente. Certeza. Não ia. Tirou de dentro folhas de papel ofício, lápis de cor, giz de cera e outros apetrechos de pintura. Encheu-me de dúvidas. Não bastassem as que eu já carregava. Pretendia me desmanchar? Aproveitar meus pedaços para outra criação? Faria ela mesma um novo caleidoscópio? O que um novo faria que eu não podia fazer?

Indiferente, ela espiava pelo orifício. Girava-me em todas as direções. Fazia anotações. Pintava. Voltava a observar os mosaicos coloridos em meu interior. Descobria padrões. Reproduzia as combinações no papel. A mente dela em ebulição. Um acesso criativo.

Duas semanas transcorreram. Uma encomenda foi entregue no final da tarde. Ela trouxe o pacote para o quarto. Desfez o embrulho feito criança. Os tecidos estampavam a sua ideia. O olho brilhante no orifício. A conferência das imagens. O êxtase.

Concebera algo original.

Sob os moldes riscados, cortou os panos. Costurou. Deu-lhes forma. Em poucos dias, a coleção estava pronta. Sentia o gosto da estreia. A primeira coleção. A primeira seleção. As possibilidades. A véspera faz de todos vencedores. Amanhã, poderia não ser. Saboreava o momento presente.

Eu compartilhava sua alegria. Um clarão me invadiu. Fui tomado pela luz da descoberta de saber o que sou.



O camafeu

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Quarto do Casal

Meu ancestral mais distante foi esculpido em ágata. Obra de um artesão de Alexandria. E seus descendentes diretos ornamentaram capacetes e punhos de espada. Foram à batalha com bravos soldados. Enfeitaram damas importantes. Versáteis, compunham anéis, broches e pingentes presos por uma tira de cetim ao pescoço feminino. Uma origem que não impediu a passagem dos séculos e o esquecimento decorrente. Depois das vitrines das joalherias, o fundo da gaveta. Ou pequeno espaço nas alas menos movimentadas de alguns museus.

Ironia do destino. Um objeto ultrapassado presenteado a uma jovem e promissora estilista. A bisavó registrara em testamento o seu desejo. Eu deveria permanecer na família. Cada geração ensinaria à seguinte o meu valor. Ao abrir a caixinha de joia, a moça ficou em dúvida entre comemorar e lamentar. Eu ocupava a tênue linha que separa o velho do antigo.

Jogou-se na cama. Olhava-me. Eu não conseguia decifrar o que ela pensava.

A inspiração que lhe garantira a primeira participação em um desfile a abandonara. Restavam-lhe algumas semanas para conseguir desenhar e apresentar algo compatível com a boa impressão que causara. Lutara pela chance. Não podia desperdiçá-la. Uma ideia iluminou seus olhos. Retirou do armário vestidos e blusas, posicionando-os ao meu redor.

Esteve paralisada por instantes. Até o momento do *insight*. Estudou-me junto das roupas. Começou a reproduzir nos croquis as imagens que surgiam em sua mente. Desenhou um longo vestido de corte impecável, sem detalhe algum, exceto um camafeu arrematando o decote.

Depois da primeira peça, as demais vieram com facilidade, seguindo o mesmo padrão: calças, saias e blusas, *shorts*, camisetas e acessórios, sapatos de salto altíssimo e tênis despojados. Todos me reverenciavam, ressuscitavam-me.

A originalidade era a sua marca. Tornei-me sinônimo de sua grife. Aos repórteres ansiosos, nas *Fashion Weeks* nacionais e internacionais, ela contava, repetia a receita do sucesso. Que um estilista precisa ser identificado por sua marca.

Acontecia assim com as caveiras de Alexandre Herchcovitch, o duplo C de Coco Chanel. Ela escolhera o camafeu, que remete ao luxo de tempos antigos, e o aplicara em peças de *design* moderno, nada muito óbvio.

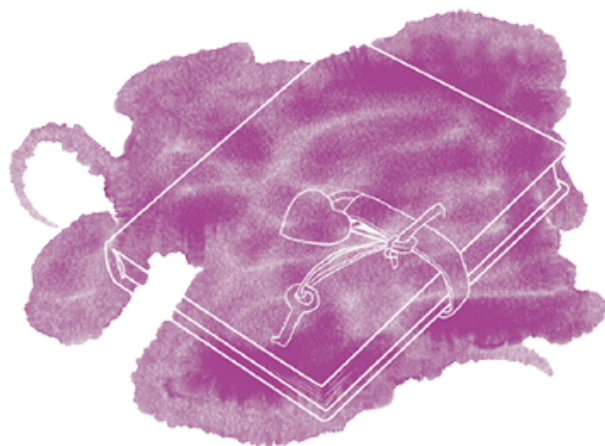
Durante as entrevistas, ela me exibia amarrado no pescoço com uma fina tira de veludo preto. Virei ícone da moda. Camafeus legítimos como eu passaram a custar verdadeiras fortunas, disputados em leilões, encomendados a joalheiros renomados.

Experimentar o auge da fama era um prazer difícil de descrever. Festejava a saída do ostracismo e era apresentado à modernidade democrática que dá a todos oportunidade de brilhar. Minha imagem multiplicada, estampando tecidos, papéis de presente, sacolões de feira, toalhas de banho.

Até ninguém mais suportar olhar para aquele perfil clarinho, em alto relevo sobre um fundo salmão.

As encomendas para a estilista foram rareando, sumiram. Nas Semanas da Moda seguintes, os repórteres passaram direto por ela, sem mesmo enxergá-la, ávidos por entrevistar a nova sensação das passarelas. Na TV, o entrevistado respondia que um estilista precisa ser identificado por sua marca, como as caveiras de Alexandre Herchcovitch, o duplo C de Coco Chanel. Escolhera o parafuso, que remete às dificuldades das classes operárias, e o aplicara em peças de *design* moderno, nada muito óbvio.

Compreendi que a modernidade oferecia e tirava exatamente na mesma proporção. Não na mesma proporção. O vazio de quem perde parece sempre maior do que o espaço anteriormente preenchido. Ela desligou a TV. Eu previ o meu destino. O fundo da gaveta. Comigo guardei uma certeza; a de que, muito em breve, precisamente dentro de um ano, eu teria com quem compartilhar a efemeridade do sucesso. E esperei a notícia do exílio do parafuso.



O diário

Etiqueta: Livros
Destino: Escritório

Fiquei esquecido muitos anos entre os livros da estante. Até já me considerava um deles, quando os dedos, velhos conhecidos, deslizaram pelas lombadas das capas e me puxaram para fora da prateleira.

Foi um reencontro emocionante. Em minhas pautas, ela escrevera poemas copiados de jornais, revistas, publicações avulsas, trechos capturados de tudo o que lhe caía nas mãos e lhe agradava. Às vezes, simplesmente os recortava e os colava. As letras das músicas preferidas. Às vezes, desenhava. Outras, ela inseria pequenas flores para que secassem entre as páginas. O perfume transferido ao papel continuava por mais tempo, se alongava até restar somente na lembrança. O oposto ocorria com as marcas de lágrimas caídas sobre as palavras enquanto eram escritas. As manchas no papel. Preferia não guardar esses registros involuntários e permanentes.

Recebi também os primeiros esboços de vestidos. Era o começo de algo que viria a ser importante em sua vida. Naquela época, os desenhos eram passatempo, distração.

A cada página virada, uma memória emergia de uma anotação mantida no cofre das primeiras emoções diante da vida. Confidências de menina-moça, impressões, momentos especiais, angústias, novidades, desabafos.

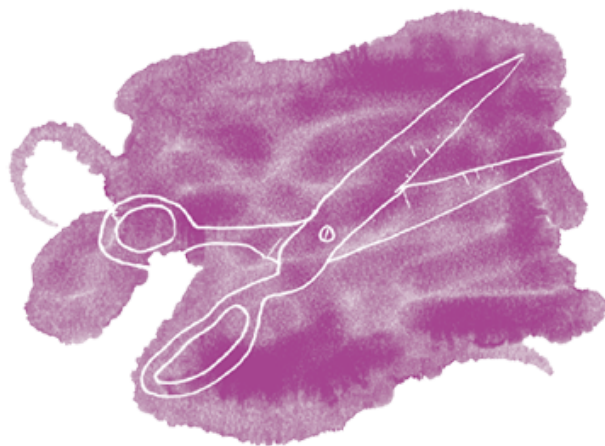
Ela se surpreendeu com o que leu. Não com as situações narradas, mas com a visão de mundo, a linguagem marcada por um certo tônus de ingenuidade e inocência.

Eu recolhia todos os seus sonhos.

Alguns ela os realizara. O casamento. Tornar-se uma estilista de talento, reconhecida por sua criatividade e inovação. Outros ficaram somente comigo. Deles, ela nem se lembrava mais e até achou graça de um dia ter desejado aquelas coisas. Era uma mulher agora. Com um olhar bem diferente. Muito mais realista.

Há uma época na vida em que sonhar é permitido. Quando a parte mais longa da estrada está adiante.

Depois disso, muitos diários são descartados, guardados em caixas debaixo de camas ou esquecidos em prateleiras, postos ao acaso no meio de livros. Entretanto, em nosso conteúdo, continuam os sonhos. Esses não deveriam ser nunca apagados.



A tesoura

Etiqueta: Utensílios
Destino: Quarto do Casal

Poucos bens materiais ele herdara do pai. Uma pequena poupança. Uma máquina de costura. Uma tesoura. É possível que tivesse sido diferente, considerando a morte prematura no incêndio. Faltou tempo para construir patrimônio. Talvez não. Enriquecer nunca fora uma prioridade paterna. O sapateiro deixava isso para o filho caçula. Esse menino tem tino para o comércio. O outro, não sei o que será na vida – ele dizia.

Conheci muito bem o pai e os filhos. Não me surpreendi quando o mais velho saiu de casa. Foi morar bem longe. Pôs um oceano no caminho. O mais novo ficou. Mas o pai representava um modelo que ele não queria seguir.

Desde a tragédia, afastara-se da mãe. Discutiram feio na última vez em que se falaram. Ela se preocupava com a alimentação, com o excesso de trabalho, com as companhias. Ele não admitia interferências. O que o pai pensaria se estivesse vivo? Um homem dedicado à família. Preocupado em transmitir valores morais. De

que adiantara ser tão comedido, tão responsável, ter tantos talentos sem prosperar? – esbravejou para a mãe – A vida é curta. Parte-se a qualquer momento. Não fora assim com o pai?

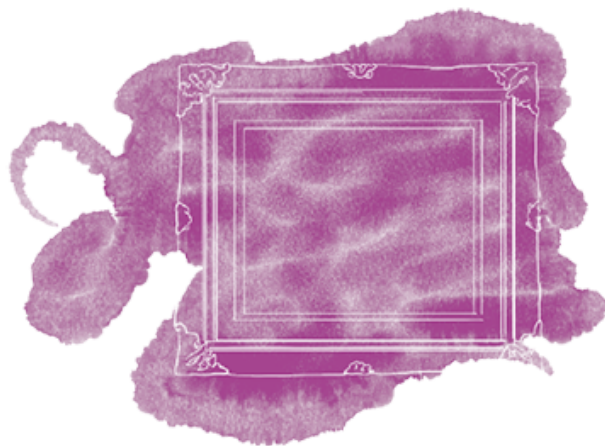
Empenhava-se para transformar a pequena sapataria em uma loja rentável. Investira a poupança na ampliação do ponto. Casou-se com a filha de um fazendeiro. A união fora conveniente.

Assim que pôde, desfez-se da máquina. Mas, por uma razão que eu não compreendia, ele me mantinha. Insistia em me usar. Uma tesoura velha. Cega. Comigo cortara o couro dos primeiros pares. E, mesmo com o crescimento do negócio, a contratação de funcionários, o maquinário novo, ele abria o saco de veludo azul em que me guardava e me retirava para auxiliá-lo.

Certa vez, respondera a um cliente curioso. Fora presente de seu pai. O último. Eu carregava as digitais das duas gerações. Reconhecia o mesmo jeito de me segurar. O mesmo calor da mão. Os calos nos mesmos dedos polegar e indicador. Não eram tão diferentes, afinal. Embora ele se esforçasse em parecê-lo.

A oposição ao pai talvez tenha sido necessária para crescer. Fazer-se homem. Entender-se no mundo. Ou nada disso. Não queria o espelho para não lembrar. Não sentir saudades. Assim ele acalmava a dor.

A negação do modelo representado pelo pai se manifestava nos comportamentos que a mãe reprovava. Gastava seu estoque de gentilezas com os clientes. Não era assim nas relações familiares. Não era dado a afetos. Cumpria os compromissos, se fossem comerciais. Desconversava quando a esposa falava em ter filhos. Quantas discussões presenciei! Eu era velha e cega, mas todas essas coisas eu via. E lamentava.



O quadro

Etiqueta: Caixa Quadros
Destino: Sala de Estar

A emoção das primeiras pinceladas. A antecipação de um futuro glorioso. Não havia a menor dúvida. Eu nasci uma obra de arte. A mão do pintor era firme ao espremer os tons pastéis contra o tecido áspero da tela. As cores intensas eram cuidadosamente aplicadas.

Sob uma árvore frondosa, descansavam nobres com perucas brancas. Sentadas nas raízes que brotavam da terra, damas de pele rosada e diminutas bocas vermelhas. Cavaleiros em trajes de montaria conduziam magníficos corcéis. Cães de caça agitados. Uma raposa assustada completava a cena campestre.

Depois – como eu já esperava – recebi rica moldura. Madeira trabalhada. Estava destinado a embelezar *lobby* de um luxuoso hotel ou de uma abastada residência de veraneio. Em qualquer dos casos, eu seria o centro das atenções.

Assim que o cheiro forte da tinta a óleo se dissipou, minha tela estava seca, portanto, era chegada a hora da venda. Uma *vernissage*,

um leilão.

Para minha estranheza, fui exposto na calçada. No chão. Não mereci nem mesmo o suporte de um cavalete. Ao meu lado, outras telas com cenas campestres quase idênticas a mim permaneciam encostadas junto à parede. Cobertas de pó.

O movimento era grande. Pessoas iam, vinham e atravessavam a rua. A maioria nem notava minha presença.

Começou a me incomodar aquela situação. O sol subindo no céu até ficar a pino. Muito calor naqueles dias. A tinta resistiria? Quem sabe o derretimento escorresse, distorcendo tudo em surrealistas imagens?

Carros impacientes despejavam fumaça. A sujeira procurava pela gordura que encontrasse para se grudar. Boa parte ia parar nas telas, engrossando a tinta. Motos feriam os ouvidos dos transeuntes. Ruídos ensurdecadores. Instalou-se junto ao meio-fio da calçada um churrasqueiro. O cheiro da carne assada era de primeira. A carne não era. Alguém fritava em óleo fervente. Ali a poeira fazia a festa. A sinfonia do centro da cidade.

Então, para minha grande surpresa, no meio daquela confusão, alguém conseguiu me enxergar. Olhava-me fixamente como se desejasse ser transportada para dentro da cena que eu apresentava.

– Quanto custa?

– Esse aqui? Para moça bonita, faço baratinho...

Baratinho? Que maneira de descobrir o valor que me atribuíam!

Indiferente à minha indignação, o pintor me enrolou em papel de embrulho. Estava vendido.

Quem sabe a minha sorte mudara? Qualquer lugar seria melhor do que a calçada. Em meu novo lar, fui pendurado, com

cerimônia, acima do sofá. Mas a superfície irregular da parede teimava em desobedecer à moça. Ela insistia em me alinhar.

Depois de várias tentativas, a parede venceu. Conformada, acabou achando engraçado aquele meu jeito meio torto. Parecia que, a qualquer momento, o cavaleiro cairia do cavalo e o nobre, sob a árvore, mergulharia no decote da dama. Um escândalo!

Aos poucos, fui me acostumando à rotina da casa. De manhã, ela levantava muito cedo, tomava café sozinha. A mesa redonda da sala coberta pela toalhinha de plástico florida. E, durante a refeição, não tirava os olhos de mim.

Era sempre o mesmo olhar penetrante. Desconcertava-me. Depois, levava a xícara para a pia da cozinha. Abria a torneira para correr um fio de água por cima da louça. Apressava-se para não perder a condução.

Aquela louça juntar-se-ia à do jantar, à noite, quando ela estaria de volta e lavaria tudo, antes de dormir.

Chegando do trabalho, na penumbra, ela comia qualquer coisa. Prato apoiado nos joelhos magros. Olhos na TV em frente ao sofá. Não ligava as luzes da sala para economizar. Bastavam-lhe a réstia de luar que entrava na casa pelas frestas da janela e a oscilação do aparelho ligado baixinho. Nessa hora, se esquecia de mim.

Era uma existência discreta. Quase precisava que alguém desse licença para ela viver.

Ao raiar o dia, sentada à mesa para o café da manhã, eu não precisava disputar sua atenção com a novela.

A casa era muito pequena. A porta que ela fechava, quando saía, mal garantia a proteção contra ladrões. O que lhe roubariam? Uma TV com defeito, um sofá velho, um quadro baratinho?

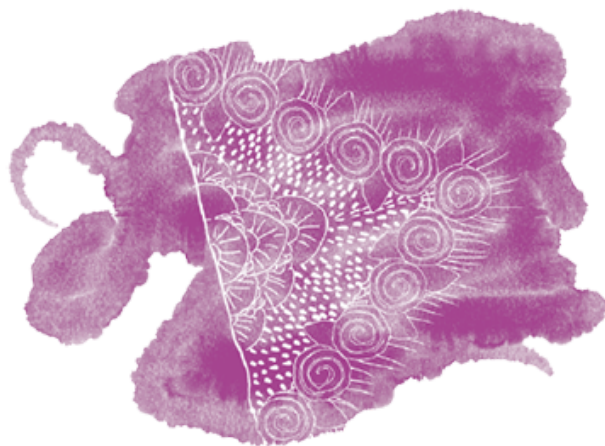
Aprendi a exercitar a paciência de esperar pelas manhãs. Era sempre nessa hora mágica que ela me oferecia um sorriso de cumplicidade. Ela sabia o meu valor. Eu lhe retribuía com o sonho. Imagens de uma realidade que poderia ser a dela, se ela tivesse nascido em outro tempo, em outro país, em outra condição social.

Saiu cedo naquele dia. Desceu o Morro do Papagaio toda arrumada. Estava feliz por ter sido convidada para o casamento da filha dos patrões. Não foi vista na cerimônia. Alguém contou à patroa sobre tiros ouvidos na entrada da favela. Anoiteceu sem que a porta fosse aberta ou a TV ligada. A louça do café da manhã permaneceu suja na pia.

O proprietário entrou. Ao seu lado, o genro dos patrões dela. Ele, recém-casado, atendia ao pedido do sogro. Era necessário desocupar a casa para os novos inquilinos. A moça não tinha parentes na cidade. Os poucos pertences seriam enviados à família. Os pais e os irmãos trabalhavam na fazenda dos patrões, na lida com a cana-de-açúcar, na divisa de Minas Gerais com a Bahia. Fui o único objeto a permanecer na capital, levado pelo genro. Algo em mim trazia recordações as quais ele não compartilhava.

Não quis pensar no pior. Preferi imaginar que, finalmente, a moça, de existência discreta, moradora da casa humilde, viajara para o seu lugar de sonho. Partira silenciosa, sem despedidas para outro tempo, para outro país, para outra condição social. Onde ela desfrutava de passeios em vastos campos verdes ensolarados na companhia de belas damas e de cavaleiros gentis e descansava sob uma frondosa árvore.

E guardei a sua imagem dentro de mim.



O xale

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Quarto do Casal

Desfeito o laço, correu a prata do cetim. A tampa foi retirada, a noiva separou as folhas de papel de seda que me envolviam e fechou os olhos. Inspirou longamente o perfume dos ramos secos de lavanda, escondidos no fundo da caixa. E percorreu com os dedos a maciez dos fios. Lã tricotada em muitas rosas. Unidas uma a uma, compunham meu formato triangular.

Delicadamente, ela me abriu. Protegeu as costas à mostra no decote do vestido de tafetá. Numa generosa cascata de rosas brancas, desci dos ombros até o quadril. Deslumbramento. As outras mulheres no quarto se emocionaram. Quatro talentosas artesãs. E o resultado de muitas horas de dedicação conjunta à criação de uma única peça.

O presente que eu viria a me tornar exigiu algumas semanas. A escolha da linha pela alvura, maciez e durabilidade. A distribuição das responsabilidades. À mãe, à avó e à tia coube a confecção das rosas. À irmã, a junção das unidades. Rosas de lã semelhantes a

punhos fechados.

Nasci do movimento ágil. A mãe tricotou as rosas. Buquês de algodão, suaves como se colhidos. A tia produziu a base e ordenava à sobrinha como deveria juntar as partes. A jovem ignorava as orientações e criava seus desenhos, unindo as rosas à sua maneira, desigual, sem uniformidade, um toque artístico agradaria à irmã. O rigor da avó retardava o processo - desmanchava para ser refeito o que já parecia pronto.

A busca da perfeição. Valeu a pena o esforço. Nada agradara mais à estilista prestes a se casar. Ainda dentro do carro, ouviu as palavras da mãe. Vida de casal exige paciência, dedicação. Cada dia é a uma rosa de tricô. Para tecê-la, não se pode ter pressa. Se não for bem-feita, não se parecerá com uma rosa. Se forem poucas, não teremos um xale, e – o mais importante – para tecê-lo, são necessárias duas agulhas!

A marcha nupcial apontou para a entrada da igreja. O nervosismo quase atrapalhou a felicidade da noiva. Mas ela não estava sozinha. Apertando-me nos ombros, a jovem se sentiu abraçada pela mãe, pela avó, pela irmã e pela tia. Parou de tremer e caminhou pela nave com passos decididos. Estava bonita. Sentia-se bonita.

Olhares de admiração. Para ela e para mim.

Apertou-me nos ombros. Estamos todas juntas – pensou. Respirou fundo e caminhou na direção do altar.



O relógio

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Quarto do Casal

Poucos objetos têm exercido um fascínio tão grande sobre os seus criadores. Representamos um aspecto da vida imutável. Não suscetível à interferência humana. A mudança das estações, a passagem dos anos, dos meses, das semanas e dos dias é algo sobre o qual o homem não tem qualquer controle.

Tudo o que ele pode fazer é tentar aproveitar o tempo da melhor maneira possível. Para isso, precisa contá-lo. Com calendários e com relógios – que é o meu caso.

Minha linhagem é antiga e diversa. Desde as primeiras ampulhetas e os relógios de sol criados no velho Egito até os mais sofisticados mecanismos atuais.

Seja escoando areia, projetando uma sombra ou acendendo dígitos, o que importa a um relógio é a precisão da contagem. A contagem do tempo traz a ilusão do controle.

Alguns homens tornaram-se tão obcecados por relógios que possuem muitos deles. Mas a impressão que tenho, nesses casos, é que os conduzimos, e não eles a nós.

Eu, por exemplo, não sei dizer ao certo se pertenci, durante muitos anos, a ele ou foi ele que me pertenceu. Seu nome está gravado na parte posterior da máquina, movida à corda, que me mantém trabalhando sem parar, contando os segundos, os minutos e as horas.

Fui a sua primeira compra importante. Quantas vezes ele, em sua juventude, vinha me admirar no balcão de vidro da relojoaria... Os olhos refletindo o brilho do metal banhado a ouro.

E quando juntou o suficiente para me levar para casa, mal podia crer. Possuía a máquina do tempo que escolhera.

Estojo de couro preto com interior de veludo. Confeccionado, sob medida, para receber a caixa redonda e a longa corrente. Eu valia cada centavo investido. Meus ponteiros giraram incansavelmente durante cinquenta anos.

Ajudei-o a não perder os compromissos de trabalho. Avisei sobre os atrasos nos poucos encontros amorosos que tivera. Para esses assuntos, não me dava ouvidos.

Conhecendo-o como eu o conhecia, era previsível que o trabalho ocupasse o centro de sua vida. Corremos o sério risco de envelhecer sozinhos.

E agora, depois de tudo o que passamos juntos, ele me aparecia com outro estojo de couro preto contendo um relógio de pulso.

Um relógio de pulso! Era o fim de uma época de elegância. Época em que cavalheiros não ousavam sair de casa sem vestir um traje bem cortado de alfaiataria. Nos bolsos, seus relógios.

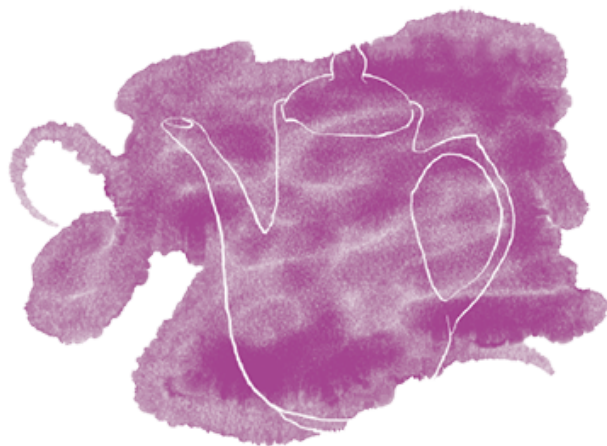
Uma máquina daquelas remetia à escravidão dos nossos dias. Tratava-se de uma tirana que iria controlá-lo, algemando-o pelo pulso. Apertando, incomodando, mostrando-lhe a cada instante a hora e o que fazer.

Quando andávamos juntos, ele me consultava de acordo com o seu desejo. Agora o relógio novo decidia por ele. A hora de comer, de tomar os remédios, de rever velhos amigos, os que restavam.

Não tinha as mesmas forças nem a mesma convicção para resistir à opressão. Parecia estar sempre em dívida. O tempo era seu credor.

Cansado, olhou-me esquecido no fundo da gaveta. Recordou o momento em que me comprara. Lembrou-se do jovem obstinado que ele fora. Tomou uma decisão. Surpreendeu a esposa que tricotava rosas brancas para um xale. Uma viagem pelo mundo. Partiriam após o casamento da filha.

No aeroporto, a luz vermelha acendeu simultânea ao apito do alarme do detector de metais. A autoridade se aproximou para a verificação rotineira. Instintivamente, ele conferiu o pulso sob a manga da camisa. Não portava relógio. Talvez as fivelas dos sapatos. Ele os descalçou, submeteu-se novamente à inspeção e apanhou o paletó no final da esteira. Certificou-se da minha presença no bolso e embarcamos.



O bule

Etiqueta: Caixa Utensílios
Destino: Cozinha

Entendi que meus dias estavam contados quando ela entrou na cozinha e pôs a caixa sobre o balcão da pia, ao lado do fogão.

Uma cafeteira. Tudo fazia sentido. Era a explicação para o meu abandono. E não satisfeita, tripudiou. Eu, feito de ferro, forjado para aguentar pancada e fogo. Fui pintado e posto no parapeito de uma janela.

Indiferente aos meus protestos, ela organizava a casa, mudava os móveis de lugar e aspergia lavanda no ar.

Haveria um motivo para aquela felicidade ou ela simplesmente comemorava a liberdade? Nunca mais passaria o café no fogão. Estava livre das preocupações com possíveis queimaduras, caso, numa distração, tocasse no metal quente.

A campainha interrompeu os afazeres. Ela abriu a porta para o jovem casal. Durante a lua de mel, a casa ficaria à disposição da filha e do genro. Aproveitaria para viajar pelo mundo com o

esposo.

Entre malas, flores e abraços, ela os recebeu e veio caminhando na minha direção. As flores na mão. Descobri assim minha nova utilidade. De bule a vaso. Nada poderia ser mais humilhante.

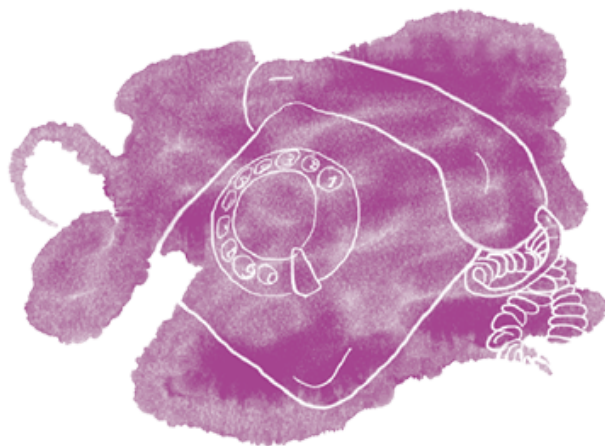
Naqueles dias, não faltaram flores, nem na casa, nem em mim. Uma manhã, vi que o jardineiro usava um pedaço de pano para limpar as mãos, ao término do serviço. Reconheci, perplexo, o pano de coar. Trapo. Antes tão limpo, não havia melhor palavra para descrevê-lo.

Lamentei seu destino. Reavaliei minha própria situação. Considerei minhas vantagens. Antes eu era bem-vindo por servir café quentinho, agora recebia elogios por embelezar a casa.

Já me acostumava à nova condição, quando notei uma movimentação estranha. O jovem casal partira. O começo da vida a dois. Ela chegava da viagem com o marido. A chave escondida no vaso de azaleias. Saudades da filha. Saudade do gosto do café brasileiro. Nada mais reconfortante. Mas, em vez do aroma desejado, uma irritação pairou no ar.

A cafeteira foi guardada na caixa. Ao telefone, as reclamações confirmaram minhas suspeitas. Fora da garantia? Inaceitável!

O olhar dela para mim foi o mesmo do dia em que me pintou e me posicionou no parapeito da janela. Reconheci de imediato seu significado. A caixa com a cafeteira foi posta no lixo. Eu voltei ao fogão.



O telefone

Já fui o último modelo. Grande coisa. Todos já o foram. Mas um telefone *Siemens*, ano 1976, vermelho, chamaria a atenção em qualquer época. O pai retirou o plástico-bolha que me envolvia e me exibiu, sobre a mesinha. As duas meninas arregalaram os olhos de satisfação.

Antes mesmo da instalação, eu tinha utilidade. Era brinquedo das meninas. Elas fingiam conversar passando o fone. Uma respondendo às perguntas da outra.

Aprenderam rapidamente a atender ao meu chamado aquelas duas. E não esqueciam nenhum recado.

Eu convidei para aniversários, casamentos. Eu anunciei visitas esperadas, outras nem tanto. Acalmei a saudade que a família sentia do pai, sempre viajando – chegando de uma dessas viagens à fazenda que ele me trouxe para casa. Parara na loja e comprara a surpresa.

Os anos passando, as meninas crescendo. A família mudando de endereço e de telefone. Fui trocado por um modelo mais atual. Aparelhos com teclas substituíam aparelhos com discos. Os anos roubaram-me o convívio com as meninas. Tornaram-se moças,

sem que eu visse isso acontecer.

Fiquei guardado tanto tempo no fundo do armário, que parei de funcionar.

Vim a saber, muito depois, que as moças se casaram e saíram de casa. Foram para as suas próprias casas, começar novas famílias. A mais velha mudara para uma cidade distante. A mais nova casara-se com o dono de uma sapataria.

Um dia, a porta se abriu. A luz do mundo lá fora chegou ao fundo do armário. Mãos tatearam até me encontrar. Era a filha mais velha que retornara para uma visita.

Ela sentia muitas saudades. Precisava de algo que ajudasse a ter a sensação de pertencimento. Possuir um pedacinho daquela família, mesmo longe da casa dos pais.

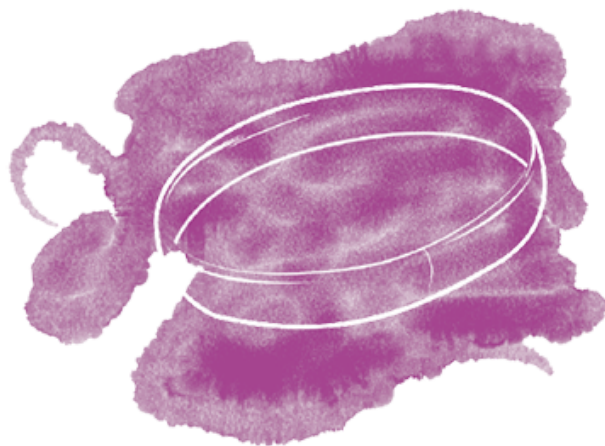
Levou-me com ela na viagem de volta. E deu início a uma odisseia, na tentativa de me consertar. Procurou um especialista na região. Ele não trabalhava com o meu modelo. Indicou outro que indicou outro.

Quando a irmã mais nova veio visitá-la, ela estava exultante. Conseguira me deixar para o conserto. E acabara de receber uma ligação para ir me buscar.

As duas foram juntas. Olharam-me sobre o balcão. A mesma expressão do dia em que me viram pela primeira vez. A alegria durou pouco. O funcionário da loja foi direto.

Aceitara o caso somente para uma avaliação. O diagnóstico não foi animador. Não havia peças de reposição. As memórias que eu guardava também não podiam ser repostas por outro objeto. Por isso, ganhei um lugar de destaque sobre a escrivaninha.

Hoje, faço a ligação da moça com o seu passado. Sou uma peça de decoração. Mais do que isso. Sou uma peça de coração.



A aliança

A primeira crise conjugal. O primeiro sinal foi a série de rodopios sobre a mesa de jantar. Como se faz com uma moeda, ele me punha a girar repetidas vezes. Desvalorizada. Foi exatamente como me senti. Um troco que se esquece no fundo de um bolso.

Ultimamente, quase não parava no dedo anelar da sua mão esquerda, de onde eu nunca deveria ter saído. A esposa também se irritava com a pouca importância dada a um objeto tão especial.

Desde que ele começou a brincar comigo, trocando-me de posição, desconfiei que algo não ia bem.

Era ultrajante ser tratada com desprezo. Ainda mais por alguém que casara cheio de entusiasmo. Naquele dia, entramos na igreja pela porta principal, carregados – eu e meu par – com toda a cerimônia sobre a almofadinha de cetim branco.

O pajem nos entregou ao padre para a bênção, depois da qual fomos colocadas carinhosamente pelos noivos. Dois anos apenas haviam passado. Tempo em que a maioria dos casais ainda desfruta da lua de mel. Entre marido e mulher, crescia uma indiferença irremediável.

Se brigassem, discutissem, teimassem, eu teria esperanças. Os desentendimentos fazem parte da construção de uma relação duradoura. Mas a frieza de um para com o outro era um indício preocupante. O rompimento não tardaria.

Quando se sentaram à mesa do café da manhã, vi estarecida que no dedo dela uma marquinha substituía a aliança.

Ele também notou. Não disse qualquer palavra. Saiu de casa e permaneceu ausente nos dias seguintes. Ela se angustiou com a falta de notícias. Diante do armário parcialmente vazio, chorou a tristeza retesada. E revendo as fotos no álbum, tomou uma decisão.

Eram muito jovens. Talvez eu estivesse errada, e eles conseguissem superar o desentendimento e reacender a paixão.

Em cima da mesa onde ele me deixou, eu acompanhava a movimentação. Ela escreveu uma carta que, em seguida, rasgou. Depois, arrumou-se toda. O vestido era o que mais agradava a ele. Perfumou-se. Saiu pela porta da cozinha.

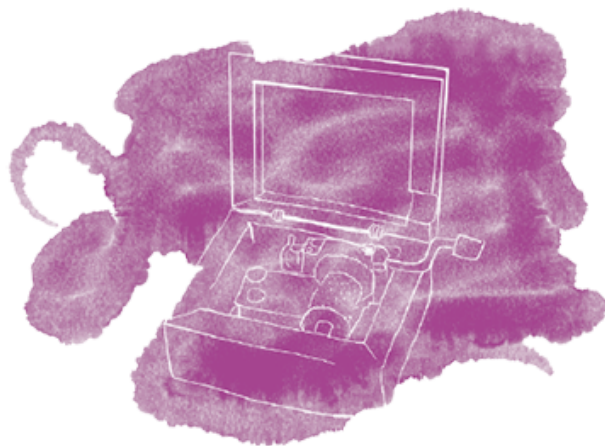
Nem tudo estava perdido. Se houvesse um diálogo franco, sem acusações ou cobranças, poderiam recomeçar.

Minhas conjecturas foram interrompidas pelo barulho da chave na porta da sala. Era o marido. Teriam se desencontrado?

Ele andou pelo apartamento, procurando por ela. Encontrou um papel sobre a mesa. Pensou ser uma carta. Era um exame de gravidez. A garganta secou. Precisava de um copo d'água. Parou, bem em frente à geladeira.

Na porta, presa com fita adesiva, estava a aliança dela. A indiferença deu lugar à necessidade urgente de encontrá-la, olhá-la nos olhos. Conversar. De uma hora para outra, não se sentia mais tão jovem. A folha impressa sobre a mesa o envelhecera.

Mudara tudo.



A caixinha de música

*Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Quarto do Casal*

Inquestionável o valor de um presente feito à mão. A pureza do mogno dispensava os entalhes. Meu estojo era simples. Simples como devem ser as palavras sinceras. Na caixa de madeira, depositara sua esperança, um pedido de desculpas em notas musicais. Esqueceria as noitadas no clube. Era passado. Importava-lhe o futuro. O presente com a esposa e o ser que ela carregava no ventre.

Uma força divina o dotara com habilidade para os trabalhos artesanais. Faltava-lhe habilidade para o convívio. Faria de mim, uma caixinha de música criada por ele, a prova de amor necessária. Em suas mãos, um pente de aço, um rolo com pinos salientes e uma manivela. Feitos os encaixes, meu mecanismo estava pronto para produzir música.

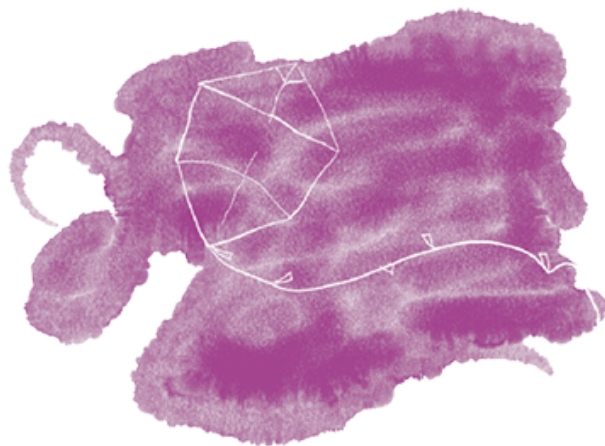
Não qualquer uma. A música do último filme a que assistiram juntos. Haviam discutido antes da sessão. As lágrimas dela no escuro eram por causa da música – ela dissera. Lembranças que o empurraram a empreender todo e qualquer esforço. Encontrar a partitura. Encomendar a tradução para a combinação dos pinos. Cada um deles correspondendo a uma nota musical. Confeccionar as peças. A caixa de madeira.

Soubera do parto por um amigo em comum. Na pressa de seguir ao hospital, não embalou o presente. Dirigia nervoso. O trânsito lento. O coração acelerado. Eu repousando ao seu lado, no banco do passageiro. Aproveitou o vácuo de uma ambulância. Ouviu uma voz a repreender-lhe. Ela detestava suas imprudências. A voz dela na sua cabeça. O que estaria acontecendo? Teria morrido e entrava em seus pensamentos para assombrá-lo?

A enfermeira indicou o quarto. Ele caminhava passos pesados. Levava-me nas mãos como um escudo. Ao vê-lo, os parentes deixaram o quarto. Precisam de um momento a sós, todos sabiam. Na falta do que dizer, ele estendeu os braços e entregou o presente.

Ela estava pálida. Recostada nos travesseiros. Abriu-me a tampa. Esboçou um sorriso ao ver o mecanismo. O bebê no berço, ao lado da cama, começou a chorar. Ele mostrou como girar a manivela. As hastes metálicas batiam nos pinos. Ela reconheceu a valsa. *Le Valse de Amelie*. Seus olhos acompanhavam o movimento do cilindro. Os olhos dele admiravam a criança no berço.

As lágrimas não eram as mesmas do cinema. Estavam acompanhadas de um sorriso. A música adormecera o recém-nascido. Amolecera os corações. Falara pelos dois. É menina.



A pipa

Etiqueta: Caixa Frágeis
Destino: Sala de Fantar

Esta é a história de como superei meu medo de voar. Após meses de sabotagem, aproveitando qualquer brisa para rodopiar doidamente e voltar ao chão, meu criador não se dera por vencido.

Ele viajou muitos quilômetros para participar de um festival. Uma última tentativa de me fazer voar.

Na véspera do grande evento, recebi o ultimato. Condições perfeitas. Campo aberto, vento constante, intensidade certa. Caprichara. Papel de seda da melhor qualidade, boa cola, varetas leves e resistentes. Tem que voar dessa vez!

Eu estava dividida. Não me agradava a ideia de impedir deliberadamente o sonho dele. Entendia de trabalhos manuais. Seu pai ensinara o ofício de sapateiro. A arte de fabricar pipas aprendeu sozinho. Uma para manter os pés no chão. Dar-lhe o sustento. A outra era a diversão com a cabeça nas alturas. Um homem precisa das duas coisas – sabia. Mas o medo de voar era

mais forte do que a gratidão a quem me criara.

Pensei no meu sonho. Tornar-me objeto de decoração. A parede do quarto da menina era azul. Meu céu de sonho. Em vez disso, esse pesadelo de ter que voar.

Pipas de variados tamanhos coloriam o céu. Vai voar bonito como aquelas! Eu murchava, no banco de trás do carro.

Estacionou, levou-me para a área reservada aos não concorrentes, onde era permitido empinar as pipas sem atrapalhar a competição.

Então, veio o golpe baixo. Amarrar uma rabiola. Ignorou os meus protestos, afastou-se alguns passos, correu, correu, tomou impulso. Uma rajada de vento fez o resto. Subi muito rápido. Quando dei por mim, estava no meio do céu. Apavorada. Ao meu redor, pipas confiantes.

Um papagaio azul se aproximou. Puxou conversa, para aliviar a tensão. Era a primeira vez sim. Quem não se assusta num voo inaugural? Apontou a morcego, se exibindo adiante. Também se apavorou na estreia.

Estranhei o nome morcego. Conhecia papagaio ou pipa – que eu era o meu caso – e arraia – que passei a ser, depois da rabiola –; morcego nunca ouvira falar. Ele riu e começou a explicar as diferenças entre os objetos voadores à nossa volta. Um telequinho amarelo subia ágil, ao menor sopro de vento, sem rabiola nem nada. Uma carrapeta vermelha armada com suas três varetas. O morcego retangular, acima deles, fazia acrobacias, dispensando rabiolas.

Uma pipa subia mais do que as outras. Pipa de biquinho. Elas têm rabiolas imensas, voam alto, chegam longe. As cores e as formas distraíram-me. Relaxei. Começava a desfrutar do prazer de

flutuar ao sabor do vento. Olhei para baixo e vi pontinhos no tapete verde, que era o gramado. Concluí que os pontinhos eram aqueles que nos mantinham no ar, presos pelas linhas.

Estava feliz. O papagaio me dava segurança. Eu nem parecia a mesma pipa medrosa. Depois, um susto. Uma pipa gigante entre nós. Uma pipa modelo que se perdera do festival e veio em nossa direção. A linha foi cortada. Cerol! Eu ouvira falar sobre a pasta de pó de vidro e cola de madeira. Uma mistura criminosa.

Para o horror do papagaio e das outras pipas, surgiu uma pipa preta com uma caveira pirata pintada. Sua linha cortante ceifava outras linhas, dispersava as pipas, que voavam a esmo, soltas, sem direção.

Perdi altitude. Era o meu criador, desesperado, me puxava, tentava me salvar. O cerol fazia mais vítimas. Umas pipas sumiam no espaço, outras se rasgaram nos galhos das árvores ou se arreventaram no chão.

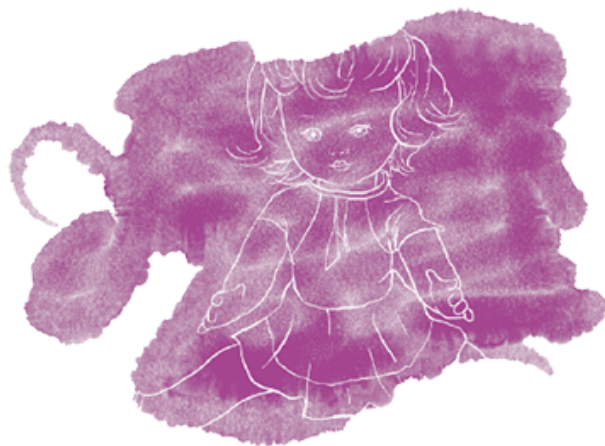
Estava praticamente fora de perigo. Quem me resgatava era hábil. O medo de voar foi substituído por outro muito pior. Medo de perder um amigo. A pipa pirata perseguia o papagaio.

Não sei onde encontrei forças para manobrar daquele jeito. Aproveitei uma rajada de vento, subi ao encontro dos dois. A pirata deixou o papagaio e veio na minha direção.

Tinha uma única chance. Atraí-la para os fios de alta tensão. Plano arriscado. Num rasante sob os fios, quase os toquei. Para evitar o choque elétrico, o dono da pipa que me perseguia largou a linha. Condenou-a a se enroscar e incendiar.

Eu e o papagaio voltamos aos nossos criadores. Em casa, recebi o melhor de todos os prêmios. Fui pendurada como heroína na parede da sala.

O sonho dele estava realizado. O meu também. Pelo menos meu sonho antigo, porque, para ser honesta, depois de experimentar voar, nunca mais se quer parar...



A boneca

Etiqueta: Caixa Filha
Destino: Doação

Cheguei embrulhada em papel festivo. A menina completava cinco anos. Fui, de longe, entre todos os presentes, aquele que fez brilhar os olhos da aniversariante. Ela mal podia com a caixa quase do seu tamanho.

O papel foi rasgado, e ela deu de cara comigo, atrás do plástico transparente da tampa. Para me retirar, foi necessária alguma paciência. Também para desenrolar os arames que me prendiam pelo pescoço, pelos braços e pelas pernas ao fundo de papelão.

Minha dona triunfante me exibiu sobre a mesa. Os convidados apreciaram todos os meus detalhes – os sapatinhos de couro, o vestido vermelho, a boina branca.

Eu já era um sucesso entre as convidadas, antes mesmo de descobrirem o que acontecia quando me abriam os braços. Eu soltava uma sonora gargalhada. Enquanto eu ria, minha cabeça pendia para um lado e para outro, movimentando também os olhinhos. Tal interação representava uma tecnologia novíssima,

numa época de bonecas estáticas.

Durante muitos anos, fui seu brinquedo predileto. E mesmo crescendo a menina, a adolescente, a jovem, a esposa, a mãe cuidou para que eu resistisse ao tempo, ao longo de 30 anos.

Quando nasceu a filha, ela idealizou o momento em que passaria a boneca à geração seguinte. Em perfeitas condições. E disso se orgulhava. Mais alguns anos seriam necessários para que a criança pudesse apreciar o presente e entender o que ele representava.

Finalmente, no aniversário de cinco anos, a mãe decidiu me entregar à filha. Cheia de cerimônia, contou a história de quando me ganhara com a mesma idade que a filha completava. Exaltou minhas características e todo o cuidado dedicado à conservação. E arrematou a apresentação, demonstrando que, mesmo depois de três décadas, eu ainda funcionava.

– Cuide bem dela, para que você possa entregá-la à sua filha, um dia.

A menina, depois de tanto suspense, pulava com os braços abertos, desejando pegar, abraçar, tomar posse, enfim. A mãe hesitou por um momento, mas me entregou, sua preciosidade. Comigo no colo, a menina perguntou toda empolgada:

– Mãe, ela fala?

– Não.

– Mas ela dança?

– Não.

– Ah, é daquelas que pode maquiar e cortar o cabelo que cresce outra vez?

– Não – respondeu a mãe já desanimada – Você não a quer?

– Quero sim! – afirmou com veemência ao perceber a decepção da mãe.

E, assim, fui levada para o quarto de minha nova dona, cuja primeira providência foi trocar-me o vestido original por outro improvisado e tirar os meus sapatos.

Longe do olhar vigilante da mãe, fui maquiada, experimentei vários cortes de cabelo e até tomei banho.

Em menos de 30 minutos, meu mecanismo de gargalhar foi danificado, e, na tentativa de fazer funcionar outra vez, à força, tive um dos braços deslocado e a cabeça arrancada.

Preocupada com a reação da mãe, a menina me sentou descalça na prateleira do armário, com o braço deslocado encostado na parede e a cabeça colocada sobre o pescoço em aparente normalidade. E desta forma, permaneci por algumas semanas, até que a mãe resolveu brincar com a filha e retirou do armário o que restava de mim.

Sob o impacto inicial, ela olhou para a filha e perguntou o que acontecera. Brincara muito. Achava que eu estava só cansada, por isso não funcionava mais. Não quis quebrar. As explicações seguiam, enquanto ela retirava a minha cabeça mal encaixada no pescoço e a entregava à mãe. Gesto de confissão mais eloquente do que as palavras.

A sinceridade da filha desarmou a mãe. Ainda mais quando a pequena encheu os olhos de lágrimas e continuou:

– Não consegui cuidar da boneca, mamãe. Não vou dar para a minha filha...

– Talvez tenha conserto... Que acha de pedirmos ao seu pai novos sapatinhos? O que importa é que você brincou muito com ela, não é?

A mãe concluiu que poderíamos ter nos divertido juntas muito mais, se não fosse a preocupação em não me sujar ou me quebrar. Pensando bem, passar 30 anos numa prateleira não é o sonho de nenhum brinquedo.

Eu estava aos pedaços, mas estava feliz por fazer parte daquela descoberta.



O batom

Etiqueta: Caixa Filha
Destino: Doação

Ela passou tanto tempo experimentando cores e texturas na loja de cosméticos que eu tive certeza. É daquelas indecisas que provam tudo e não levam nada pra casa. Que grande engano o meu. Terrível erro de julgamento! Ela era do tipo exigente. Cautelosa. Comprava os batons que lhe combinavam perfeitamente.

Descobri isso assim que ela entrou no banheiro. Sobre a pia, havia um suporte de acrílico repleto de batons. Batons de grife, batons baratos, batons das mais variadas cores e marcas.

Ela simplesmente a-do-ra-va batons! E eu fora a sua mais recente aquisição. Fui liberto da caixinha dourada da embalagem. Ocupei um dos poucos espaços vagos. Perguntava-me como ela conseguia usar tantos batons. Logo, eu descobriria o seu processo de escolha.

Um dia, ela chegou furiosa com algo que lhe acontecera no trabalho. Para ajudar a se acalmar, passou nos lábios um batom

rosa bem clarinho.

Se estava feliz, contente da vida, escolhia um batom *pink*, bem vibrante. Quando triste, recorria aos tons de pele; quando se preocupava, pintava a boca de cobre.

Assim, eu fui conhecendo um pouco mais sobre sua personalidade.

Nas férias, ela ousava. O batom seguia as cores dos esmaltes: uma semana laranja, outra azul, verde, lilás... Todos os batons do suporte tinham a sua vez. O que aumentava a minha estranheza. Somente eu continuava intacto.

Um dia, a porta foi aberta por alguém que eu não conhecia. Era uma menininha de aproximadamente cinco anos, tão parecida com a mãe nas feições quanto nas preferências.

Diante do porta-batons, os olhinhos brilharam. Para minha sorte, a mãe entrou no banheiro, em seguida.

– Espera aí! Esse não... – disse-lhe, tirando-me das mãos pequeninas. Eu voltava aliviado ao suporte de acrílico.

– Posso usar um, mãe?

– Claro que pode! Que tal este aqui? – e a mãe mostrava o rosa clarinho.

– Não.

– Esse *gloss*?

– Também não!

– Esse cor de boca?

– Mãe, eu quero esse!

– Esse é muito vermelho. Um tom forte assim não é apropriado para a sua idade...

A menina fez um biquinho, tremeu o queixo e encheu os olhos de lágrimas.

– Vamos combinar uma coisa? Quando você ficar mocinha, dou esse para você. Por hoje, escolhe outro. Tá bom?

A diplomacia das mães. Na semana seguinte, quando se arrumava para uma festa, a menina invadiu o banheiro. Na maior alegria.

– Mãe, e agora, já sou mocinha?

– Não, meu bem. Isso leva um tempinho.

– Muito tempo? – os olhos marejando.

– Só um pouquinho...

A menina esperou duas semanas para repetir a pergunta:

– E agora?

– Ainda não...

No mês seguinte:

– Já sou mocinha?

– Não...!

E a verdade é que, para o bem das duas, a filha acabou por se esquecer daquela história. Nos meses seguintes, notei certa tensão no ar. Os tons de pele e cobre não saíam dos lábios dela.

E eu já quase perdia as esperanças de uma estreia, quando ela entrou no banheiro, batendo a porta, para garantir que ninguém a visse chorar sob a água do chuveiro.

Depois, ela se enrolou na toalha, respirou fundo e olhou-se demoradamente no espelho.

Então, escolheu um vestido sensual e me buscou no suporte. Cheia de cerimônia, retirou a minha tampa e girou a minha base

até que eu me revelasse. A metade fora da embalagem.

Aí ela contornou a boca e me aplicou generosamente nos lábios, ressaltando-os. E finalizou o ritual, pressionando um contra o outro. Gostou do resultado. Estava tão concentrada em seus planos que nem notou a figurinha ao seu lado.

– Mãe, mãe!

– Que susto! O que é agora?

– Você tá linda!

O elogio desarmou a mãe.

– Obrigada, meu amor. Espero que seu pai também ache isso... – deixou escapar.

A mãe desconversou:

– Vem cá...

A mãe se inclinou comigo na mão e levantou o rostinho da filha pelo queixo. A menina nem acreditou. Eu deslizava cobrindo os seus lábios de carmim.

– Agora faz assim – disse-lhe, mostrando o gesto de comprimir os lábios.

– Isso! Olha que linda menina há nesse espelho!

– Menina não, mãe! Você esqueceu?

– O quê?

– Se usei esse batom, já sou mocinha!

– Tem razão! E ele agora é seu.



O sapato

Fui o primeiro. Nas mãos do sapateiro pouco experiente, na época, ganhei forma, meio tosca, resultado da tesoura quase cega, da agulha muito grossa. Couro cortado, costurado, terminado o cabedal. Contra o solado lambuzado de cola, fui pressionado firmemente. Recebi alguns pontos, garantindo a resistência, e estava pronto. Ou quase. Para o jovem sapateiro, estava pronto. Fosse hoje em dia, dono do próprio negócio, jamais pensaria igual. Jamais permitiria a um funcionário considerar pronto algo rudemente finalizado.

Melhor sorte tiveram os que vieram depois de mim. Principalmente aqueles sapatinhos. Nenhum recebeu tratamento tão especial. O couro preto foi tratado, depois envernizado, um cheiro forte, muito diferente da graxa, da cola habituais. O molde foi cortado, estranhamos. Não havia sapatos infantis na loja. Imaginávamos quem os calçaria.

Sapatos de boneca! Arriscava a bota de camurça, na prateleira. A dona não vinha buscá-la, ela se ocupava da vida dos outros. Sapatos para a boneca da filha do sapateiro! Ela insistia. Ela nos vencia. Todos concordamos, sem alternativa. E assistíamos ao

capricho empregado naquelas obras de arte.

Para aquele par, delicados adereços, fivelas de prata com florezinhas em alto relevo. As horas passando, o sapateiro não levantava do banco. Tudo era silêncio dentro da loja. O sapateiro encerrara o expediente mais cedo, empenhado em concluir o serviço. Tão concentrado estava que nem reparou na cliente, diante da porta de vidro fechada, procurando com os olhos alguém que viesse atendê-la. Desistiu de pegar as suas botas. Tão concentrado eu estava no trabalho dele que me assustei quando veio me retirar do fundo da prateleira. Depois de muitos anos, ganharia as ruas outra vez?

Livrou-me do pó com uma flanela, descalçou os sapatos e me pôs no lugar deles. Estava preenchido, quase me esquecera de como era fantástica essa sensação. Despedi-me da loja, deixamos a sapataria. Vivi novamente a emoção de ser útil. O sapateiro caminhava, passos firmes, nada poderia detê-lo, feri-lo, nem as pedras pontudas, nem os espinhos, ou cacos de vidro. Eu protegia os seus pés, os aquecia, cuidava deles.

Em certo momento, até tive a impressão de que os guiava. Nas mãos, o pequeno par de sapatos, dentro de uma caixa.

E eu antecipava a alegria, a hora de entregar o presente. A casa não ficava longe da loja; apenas algumas quadras. Devíamos parar e somente prosseguir com a luz vermelha detendo os carros, garantindo a travessia segura. Um freio brusco, o som das buzinas, a falta de reação do sapateiro, os passos firmes seguiam, indiferentes ao trânsito, pisando as pedras, os cacos, os espinhos.

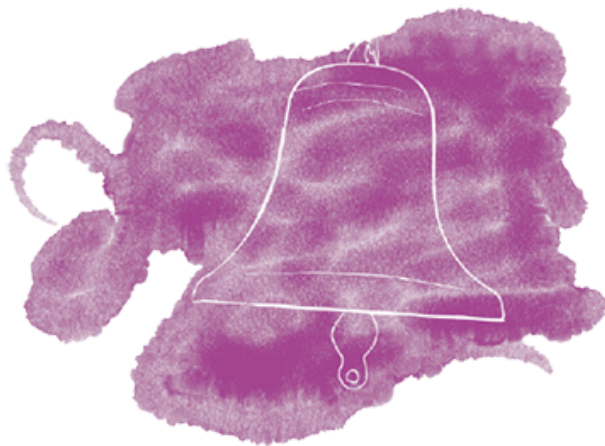
À porta de casa, o jardim de antes, e os rostos de antes, vaga lembrança que eu mantinha e que o tempo insistia em apagar da memória.

Senti-me prestigiado, o sapateiro me escolhera. Não os mais novos. Não os mais caros nem o italiano!

O movimento era contido, as pessoas falavam baixo e não havia música tocando. Tudo era silêncio. Silêncio e vazio dentro da casa.

Alguém recebeu a caixa com os sapatinhos, retirou-os da embalagem. Minha atenção se concentrou no centro da sala. Do ajuntamento, saiu um grito inconsolável, a mãe velando o corpo da menininha. Calçado nela, o pequeno par brilhava o verniz indiferente à dor desmedida.

A cada abraço recebido, o sapateiro apertava os dedos contra o meu solado. Sentia nos pés a dor das pedras, dos espinhos e dos cacos que somente meu couro gasto conseguia aliviar. O que mais podia fazer, confortar o sapateiro, dar a ele alguma paz. Coisa de sapato velho. Olhei a pipa pendurada na parede. Quem sabe ela conseguisse alegrá-lo de novo, algum dia.



O sino

Do alto do campanário, acompanho o cortejo.guardo o momento certo para repicar.

Nos dias de hoje, poucos sabem do valor de um sino como eu. Não me refiro ao valor material. Por ter sido forjado em bronze combinado a ouro e cobre. Nem à pureza sonora das notas musicais que produzo. Tampouco à minha importância histórica. Sou remanescente na comunicação badalar. Quase esquecida linguagem dos sinos.

Tenho o privilégio de morar em uma cidadezinha mineira. Responsabilidade das maiores. Manter viva uma tradição secular entre as novas gerações. Tarefa para a qual não meço esforços. Anuncio pontualmente as horas, os casamentos, os falecimentos. Chamo para as missas e ainda informo quem será o celebrante.

Os leigos no assunto desconhecem a existência do código – há um código, como ocorre em toda linguagem – que organiza as badaladas, as pancadas, os dobres e os repiques.

Convoco com três dobres e uma pancada para o enterro de um homem. Fosse uma mulher, seriam dois dobres e uma pancada.

Daqui a pouquinho, trinta minutos antes da próxima missa, ecoarei 18 pancadas seguidas de três badaladas, o que significa que o celebrante será um padre. Fosse o bispo, seguiriam sete badaladas; para o arcebispo, seguiriam nove.

Há dobres simples e dobres duplos e os alegres repiques produzidos pelas batidas do badalo, enquanto estou parado.

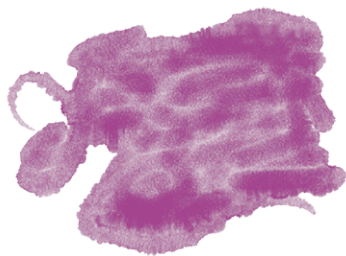
No Natal, dobres às 22h iniciam a celebração, e repiques às 23h30 anunciam o seu término.

Porém, as minhas preferidas são as nove pancadas diárias com as quais relembro, às 18h, a hora do *Angelus*, porque foi nesse momento que Gabriel anunciou à Maria que ela seria a mãe de Jesus. Notícias de nascimentos são as mais festejadas.

Nunca entendi os repiques festivos dos enterros de anjos. A fé manda festejar a volta para a casa do Senhor. Mas não há tristeza mais profunda para a família que perde a sua criança.

Preferível o silêncio aos repiques, neste caso. Talvez não. No silêncio, o vazio cresce. Torna-se insuportável. É preciso espantar o silêncio com o som dos repiques. Assegurar à família devastada esse direito.

O cortejo segue. O pequeno caixão branco. A cidade em procissão. Todas as flores dos jardins reunidas. Toda a dor do mundo concentrada. Uma mãe e seu filho caminham de mãos dadas, reconciliados. Ouvi dizer que é uma menina. Cinco aninhos. Os repiques celebram o anjo em voo aberto pelo céu.



O livro

Quando o **caminhão** encostou à frente da casa, comecei a ser escrito. No início, eu não passava de uma lista de objetos. Um controle para que os pertences da família não se perdessem na mudança. As caixas de papelão eram muitas. Tudo precisava estar embalado, conferido, reunido de acordo com a sua natureza. Frágeis como a **boneca**, a **pipa**, o **abajur**, a **sombrinha**. Valiosos ou fáceis de perder como o **camafeu** e o **relógio**. Insubstituíveis como os quadros, o barato que pertencera à empregada desaparecida, e o adornado com **botões** herdado do irmão artista. Nada ficaria para trás. As ferramentas ou a **foice** velha recebida por empréstimo do sogro fazendeiro.

Havia também os móveis. Os que cabiam na próxima morada. Alguns ele teve que vender, logo no começo da mudança, como o **armário** *Chippendale* que fora da tia. Casas modernas... Não têm espaço para móveis assim – ele lamentou.

Era somente uma lista. Nada mais do que isso. Algumas anotações foram acrescentadas para ajudar a organização na casa nova. Descrições breves, a princípio. A quem pertenciam. O cômodo a que estavam destinados. Não sei ao certo o momento em que ele resolveu registrar mais informações sobre os objetos. Uma forma de nostalgia, talvez. De relembrar as histórias que eles evocavam.

Não podia continuar naquela casa. Não depois de perder a filha. Mudar seria a oportunidade para começar de novo. Talvez a sua última chance de tentar reconstruir uma relação desgastada, antes mesmo daquele último golpe. O destino ceifara a única razão que mantinha o casamento. Mas, numa hora de tanto sofrimento, precisavam um do outro.

Pensou em se desfazer de todos os objetos. Esquecer tudo. Mas não conseguiria deixá-los para trás. Sentado, no meio das caixas, começou a me escrever.

Escrever um **livro**. Um ato de criação, quando se sentia morto. Poderia salvá-lo. Uma ideia que persistiu, deixando pelo caminho outras que não estavam destinadas a vingar.

As histórias foram surgindo. Os objetos contavam suas memórias. Tinham suas próprias vozes. Tanto os das caixas, como a **tesoura** guardada no saco de veludo azul, quanto aqueles que existiam somente em sua lembrança, como o **rádio** incendiado, o **telefone** levado pela cunhada e o **perfume** predileto da esposa. O vidro fora quebrado, anos antes. O relato dela, muitas vezes repetido, veio-lhe à mente.

Do esquecimento, escaparam também o **oratório**, as **cartas** que a mãe guardava e o **sino**, o terrível som do sino.

Dessa maneira, fui concebido e comecei a ser gestado. Do caderno para um *notebook*. O autor encontrara a solução para vencer a tristeza, reagir à vontade de morrer com a filha.

Nos primeiros três meses, cresci com rapidez. Lá pelo quarto mês, um bloqueio criativo. Felizmente, o quadro se estabilizou com a substituição de alguns objetos anteriormente listados.

Voltei a crescer em ritmo acelerado. Dentro do meu peito, um coração pulsava forte. As letras corriam em minhas veias. As

palavras se multiplicavam. Recebi um título, *A Memória das Coisas*, em seguida, um sumário e uma dedicatória.

Fui rodado em papel de boa qualidade, com fontes elegantes e bem impressas. Estou pronto. Carrego em mim os genes de minha família. Na memória de seus objetos.

Hoje é o dia do meu nascimento. Registre-se a hora, neste exato instante. Nasço pelas mãos de quem me lê.



Sobre a autora

Marília Lovatel nasceu em Fortaleza, em 1971. É formada em Letras pela Uece e mestranda em Literatura pela UFC. Foi prêmio nacional *Jovem Escritor 1988*, coordenado por Luís Fernando Veríssimo. Lançou em 2012 o livro *A sala de aula e outros contos*, pela Scipione, contendo textos apreciados e recomendados por Rachel de Queiroz e com ele integrou o Catálogo de Bolonha entre as obras brasileiras infanto-juvenis mais significativas daquele ano. Em 2013, lançou *Templária, cidade entre mundos*, pela Novo Século, literatura fantástica produzida em parceria com Matheus Lovatel, seu filho, na época adolescente. Em 2015, publicou a obra infantil *Fábulas e Contos em Versos*, pela Editora Armazém da Cultura e teve seus poemas escolhidos para integrar a VII Antologia de poetas lusófonos, editada pela Folheto, editora portuguesa.

